



Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo Miotto Ternus

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: novembro de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	5
Maçã	5
Grãos	9
Arroz	9
Feijão	11
Milho.....	14
Soja	19
Trigo.....	23
Hortaliças	26
Alho.....	26
Cebola.....	30
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	39
Suínocultura.....	43
Leite	48

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

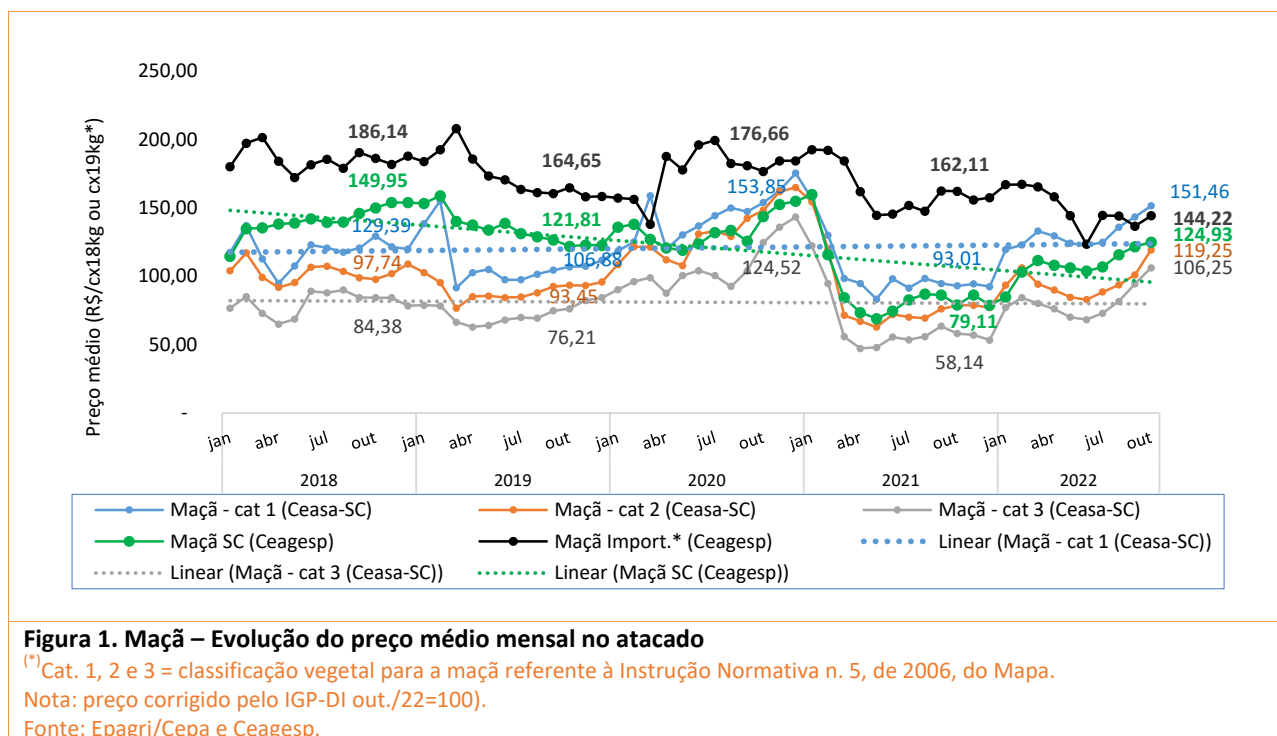


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para a maçã referente à Instrução Normativa n. 5, de 2006, do Mapa.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI out./22=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre setembro e outubro de 2022, houve valorização de 5,6% nos preços da fruta de categoria 1, com aumento da demanda relativa devido ao baixo estoque. As maçãs de categoria 2 e 3 valorizaram 18,1%, e 12,4%, com aumento da demanda por frutas de menor calibre e preços mais acessíveis. Em outubro de 2022, as cotações da categoria 1 estão 62,8% mais valorizadas que as do ano anterior e desvalorizadas em 1,6% com relação às do mesmo mês de 2020. Os preços das categorias 2 e 3 representam 78,7% e 70,2%, respectivamente, do valor da fruta de categoria 1. A estratégia é o escalonamento da comercialização das maçãs Gala e Fuji armazenadas em atmosfera controlada (AC) pelas classificadoras, devido à redução do estoque.

Na Ceagesp, o preço da maçã catarinense valorizou 2,7% entre setembro e outubro de 2022; mas, com menor valorização em relação a agosto e setembro, os preços sofreram um aumento de 5,1%. Em outubro, as cotações da maçã de SC de 2022 estão 57,9% mais altas em relação ao ano anterior e 13,0% mais baixas que as do mesmo mês de 2020. O volume catarinense negociado (49,6 mil toneladas) na central de abastecimento paulistana até outubro de 2022 representou 51,6% do total comercializado (96,0 mil toneladas) gerando mais de R\$301,8 milhões para Santa Catarina.

Em outubro, as maçãs importadas estão com preços 12,3% acima dos da maçã catarinense na Ceagesp, com valorização de 5,6% em relação ao mês anterior, mas desde setembro as cotações da fruta importada estavam abaixo do preço médio comercializado da maçã categoria 1 negociada na Ceasa em Santa Catarina.

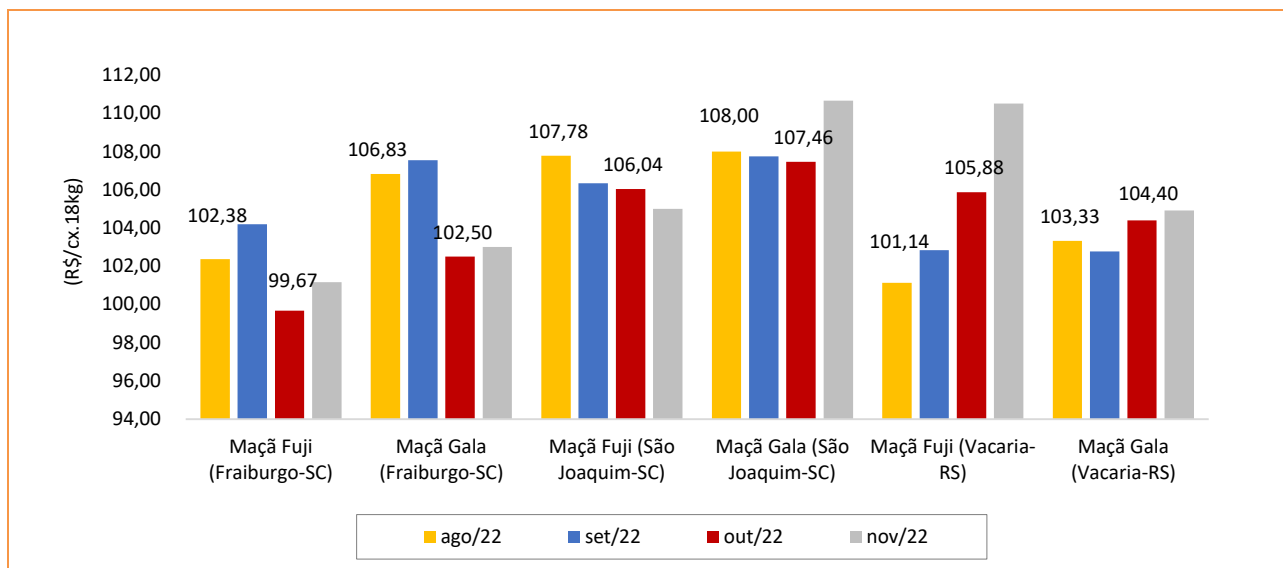


Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País

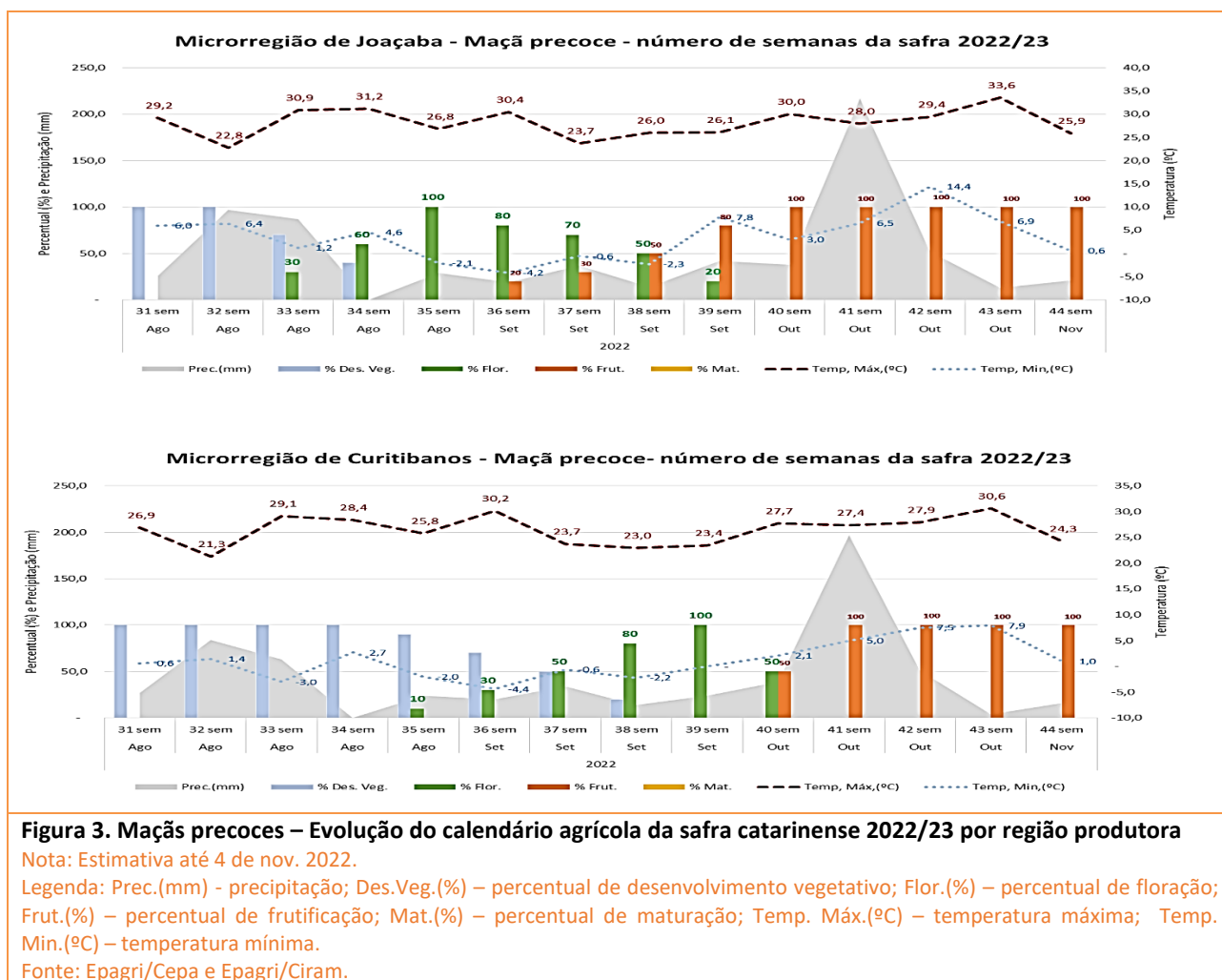
Nota: Maçã (cat.1) embalada até o dia 11 de nov./22.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo (SC), entre setembro e outubro houve desvalorização de 4,7% nos preços da maçã Gala nas classificadoras, assim comercializadas seja para escoar os estoques da safra 2021/22, seja por problemas na qualidade.

Na região de São Joaquim (SC), nesse mesmo período, houve desvalorização de 0,3% nos preços das maçãs Gala e Fuji, com redução dos estoques das frutas da região pelas classificadoras, devido a problemas de podridão entre as frutas armazenadas, o que, por sua vez, afeta as cotações. Com frutas de menor calibre e pressão de polpa, as classificadoras adotaram a estratégia do escalonamento das variedades pelos mesmos motivos acima referidos.

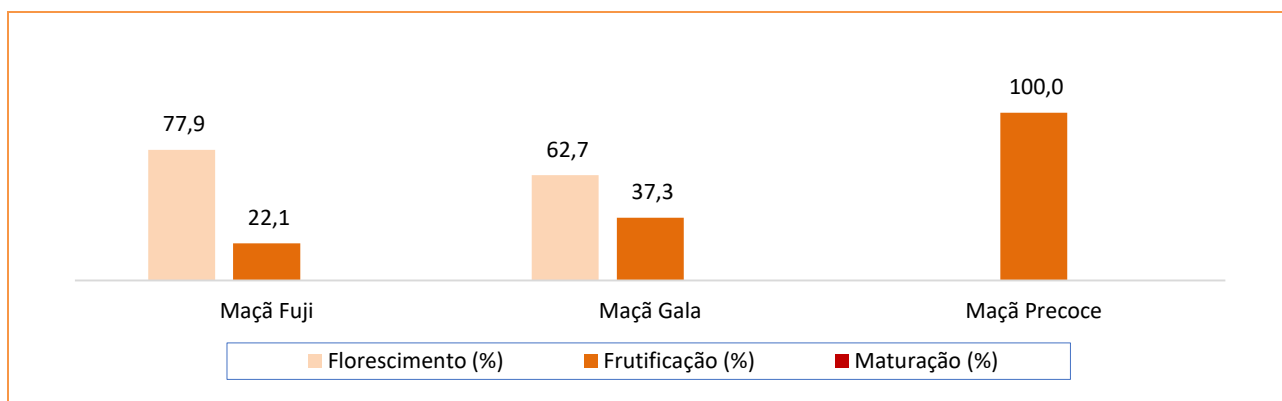
Na região de Vacaria (RS), com a redução dos estoques da safra anterior, entre setembro e outubro a maçã Fuji foi valorizada em 3% e a maçã Gala, em 1,6%, mantida a estratégia de escalonamento entre as duas cultivares para manter os preços e para concorrer com as maçãs importadas.



Conforme dados e informações do Projeto Safras e do Estudo das Cadeias Produtivas da fruticultura (ambos do Epagri/Cepa), as regiões de Joaçaba e Curitibaanos são as principais produtoras de maçãs precoces no estado e sofrem influência dos preços médios definidos na praça de Fraiburgo.

Na microrregião de Joaçaba, os pomares de maçãs precoces apresentaram floração entre a segunda quinzena de agosto e a última semana de setembro, com atraso em relação aos dois anos anteriores. A frutificação se iniciou na primeira semana de setembro, com temperaturas negativas no início da frutificação e atraso no comparativo com outros anos, e a maturação deve iniciar no início de dezembro. A tendência é de valorização nas cotações das frutas colhidas em dezembro, devido ao final dos estoques da safra passada e ao atraso - de duas a três semanas – previsto na colheita da maçã Gala, que concorre com as variedades precoces no início do próximo ano.

Nos pomares da microrregião de Curitibaanos, as maçãs precoces apresentaram floração entre a última semana de agosto e a primeira semana de outubro, também com atraso em relação aos anos anteriores (Figura 3). A frutificação se iniciou na primeira semana de outubro e a maturação deve iniciar na 2ª. quinzena de dezembro, com pressão para desvalorização nos preços devido à previsão de início da colheita da maçã Gala no mesmo período. No próximo boletim da maçã será analisada a evolução do calendário de safra de maçã Gala e, posteriormente, de maçã Fuji nas regiões acompanhadas nos projetos com informações disponíveis no Infoagro (Epagri/Cepa).


Figura 4. Maçã – Evolução da safra catarinense 2022/23 (%)

Nota: Estimativa até 4 de nov. 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Com informações dos projetos do Epagri/Cepa, nos pomares catarinenses de maçã estima-se uma produção de 283,9 mil toneladas de maçã Fuji, com aumento de 2,5% em relação à safra anterior, e área em produção de 8,0 mil hectares, dos quais atualmente 77,9% estão em floração e 22,1% já em fase de frutificação. Para a maçã Gala são estimadas 284,7 toneladas, com redução de 0,1% no comparativo com a safra 2021/22, e área em produção de 6,9 mil hectares, com 62,7% em estágio de florescimento e 37,3% em frutificação. As maçãs precoces estão com estimativa de produção de 11,8 mil toneladas, com aumento de 17,6% em relação à safra anterior, e já em plena fase de frutificação.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2021/22 e a estimativa atual da safra 2022/23

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2021/22			Estimativa atual 2022/23			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.586	89.648	34.667	2.585	101.070	39.099	0,0	12,7	12,8
Curitibanos	956	33.285	34.817	956	41.597	43.512	0,0	25,0	25,0
Campos de Lages	11.762	447.301	38.029	11.772	455.338	38.680	0,1	1,8	1,7
Subtotal	15.304	570.234	37.260	15.313	598.005	39.052	0,1	4,9	4,8
Outras	67	1.850	27.612	67	1.850	27.612	0,0	0,0	0,0
Total	15.371	572.084	37.218	15.380	599.855	39.002	0,1	4,9	4,8

Fonte: Epagri/Cepa, nov. 2022.

Grãos

Arroz

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

A partir da segunda quinzena de outubro e até o final da primeira quinzena de novembro, os preços do arroz em casca voltaram a subir em Santa Catarina, espelhando o comportamento observado no Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mês de setembro, o preço médio de outubro, no estado, foi 0,72% maior, fechando em R\$70,93/sc de 50kg. Na primeira quinzena de novembro, houve incremento ainda maior nos preços, com média de R\$72,70/sc de 50kg até o momento, 2,5% acima dos preços do mês anterior. No Rio Grande do Sul, os preços de novembro foram de R\$81,18, 5,85% maiores do que no fechamento do mês anterior (Figura 1). Entre as explicações para este comportamento está o aumento das exportações brasileiras do produto, especialmente com origem no Rio Grande do Sul.

A expectativa dos produtores de que os preços continuem se elevando os tem levado a segurar comercialização em busca de melhores cotações. Esta elevação dos preços ocorre em períodos de entressafra e, portanto, de menor disponibilidade interna para a compra por parte da indústria. Cabe destacar que este comportamento é típico desta época do ano, visto que a nova safra começa a ser colhida a partir de janeiro e só aí haverá fatores de baixa, com o aumento da oferta interna.

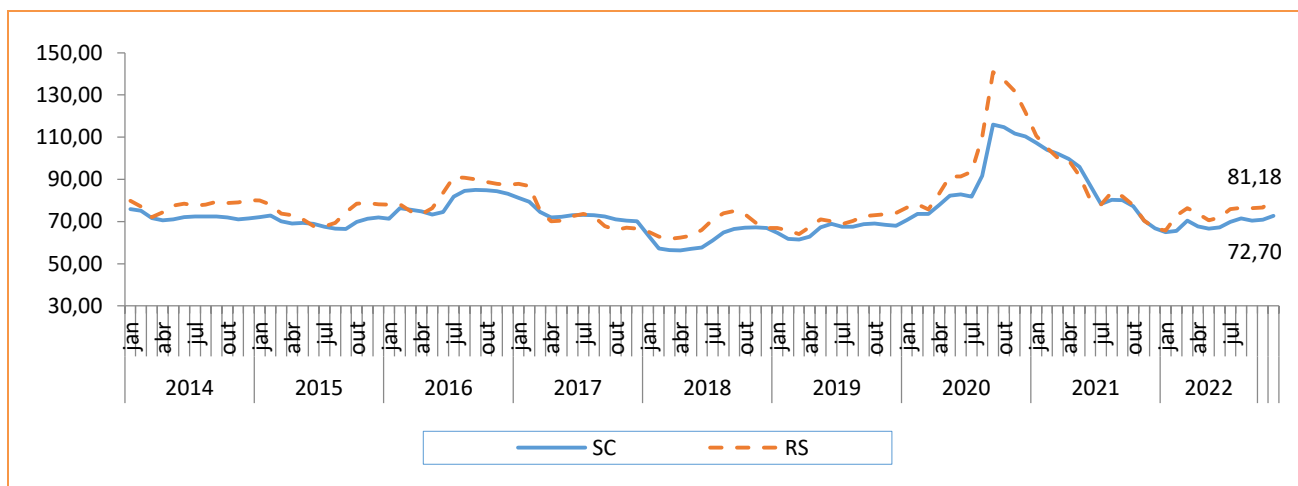


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a nov.⁽¹⁾/2022)

⁽¹⁾ Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) nov. 2022.

Acompanhamento de safra

A safra 2022/23 teve início de plantio em meados de agosto, especialmente na região litoral norte do estado, onde ele se inicia mais cedo, com o intuito de colheita de soca. A estimativa atual da safra aponta para estabilidade de área, em torno de 147 mil hectares, e leve retração da produtividade, visto que, na última safra, ela esteve acima da média. Até o momento, 99,4% da área estimada de arroz para o estado já foi semeada, restando ainda pequenas áreas em regiões mais distantes ou com temperaturas mais baixas. Da área semeada, 95% está em condição boa ou ótima de lavoura. Salienta-se que o prolongado período de

frio tem atrasado o ciclo da cultura. Por sua vez, a baixa luminosidade começa a preocupar os produtores com relação à produtividade e à uniformidade do grão. No entanto, o retorno de dias ensolarados e a elevação das temperaturas nesta última semana têm contribuído para o melhor desenvolvimento da cultura e a execução dos tratos culturais.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2021/22 e 2022/23

Microrregião	Safrá 2021/22			Estimativa inicial - Safrá 2022/23 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	503.134	8.550	58.848	497.448	8.453	0,00	-1,13	-1,13
Blumenau	7.115	65.516	9.208	7.115	63.936	8.986	0,00	-2,41	-2,41
Criciúma	21.829	187.310	8.581	21.829	186.843	8.559	0,00	-0,25	-0,25
Florianópolis	1.895	11.908	6.284	1.895	11.908	6.284	0,00	0,00	0,00
Itajaí	9.461	83.079	8.781	9.163	79.774	8.706	-3,15	-3,98	-0,86
Ituporanga	170	1.622	9.541	170	1.632	9.600	0,00	0,62	0,62
Joinville	18.285	144.641	7.910	18.195	148.133	8.141	-0,49	2,41	2,92
Rio do Sul	10.635	98.317	9.245	10.643	101.793	9.564	0,08	3,54	3,46
Tabuleiro	132	1.179	8.932	132	1.179	8.932	0,00	0,00	0,00
Tijucas	2.164	15.985	7.387	2.164	15.985	7.387	0,00	0,00	0,00
Tubarão	17.023	139.311	8.184	16.873	129.957	7.702	-0,88	-6,71	-5,89
Santa Catarina	147.557	1.252.002	8.485	147.027	1.238.587	8.424	-0,36	-1,07	-0,71

⁽¹⁾ Dados atualizados em nov. 2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), nov. 2022.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado catarinense, o preço médio do feijão-carioca recuou 2,05% em relação a setembro, fechando a média mensal em R\$248,60/sc de 60kg. Para o feijão-preto, os preços mantiveram-se estáveis em baixos patamares, fechando a média mensal em R\$180,70/sc de 60kg. Na comparação com um ano atrás, os preços da saca do feijão-carioca, em termos nominais, estão 5,70% acima do que foi pago em outubro de 2021. Para o feijão-preto, há um significativo recuo de 22,08%, fator que contribui para explicar a redução na intenção de plantio.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal recebido pelo produtor (R\$/60 kg)

Estado	Tipo	Out. 22	Set. 22	Varição mensal (%)	Out. 21	Varição anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	248,60	253,80	-2,05	235,20	5,70
Paraná		292,00	268,94	8,57	261,95	11,47
Mato Grosso do Sul		251,06	275,65	-8,92	238,86	5,11
Bahia		271,88	284,77	-4,53	253,49	7,25
São Paulo		301,94	301,94	0,00	262,91	14,85
Goiás		272,81	279,88	-2,53	248,54	9,77
Santa Catarina	Feijão-preto	180,70	180,85	-0,08	231,90	-22,08
Paraná		184,28	181,60	1,48	228,03	-19,19
Rio Grande do Sul		218,40	213,13	2,47	225,61	-3,20

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab/Deral (PR); Conab (MS, BA, SP, GO e RS) - nov. 2022.

Para o mês de novembro, a Conab atualizou as estimativas para a cultura do feijão em todo o território nacional para a safra 2022/23. Assim, com dados consolidados do mês de outubro, a companhia estima que a área plantada sofrerá uma redução de 2,7% em comparação com a do ano anterior. Da mesma forma, espera-se uma pequena redução (de 0,3%) na produtividade média. Com isso, a produção total de feijão-nacional, que representa a soma das três safras nacionais, deverá se reduzir em cerca de 3,0%.

Vale a pena ressaltar que, para chegar a esses números para a safra 2022/23, a Conab estimou a produção da primeira safra em 892,5 mil toneladas. Para as duas outras safras, cujo plantio normalmente tem início em janeiro de 2023 (segunda safra – safra da seca) e abril (terceira safra – safra de inverno), foram considerados praticamente os mesmos volumes de produção registrados na safra 2021/22.

Os fatores que provocaram essa redução na safra nacional foram: a) os baixos preços recebidos pelos produtores, notadamente os do feijão-preto; b) os custos de produção elevados; c) a insegurança na comercialização e, d) o risco de eventos climáticos extremos. Em números absolutos, são aproximadamente de 78 mil hectares a menos que na safra passada, o que representa cerca de 90 mil toneladas de feijão que deixarão de ser produzidas. Com isso, é muito provável que cresça o volume de nossas importações, apesar de a Conab ainda não fazer estimativas sobre esse possível aumento.

Tabela 2. Feijão total – BR (1ª, 2ª e 3ª safras) – Brasil: comparativo de área, produção e produtividade – safras 2021/22 e 2022/23

Região	Área (mil ha)			Produção (mil t)			Produtividade (kg/ha)		
	Safra 2021/22	Safra 2022/23	Variação (%)	Safra 2021/22	Safra 2022/23	Variação (%)	Safra 2021/22	Safra 2022/23	Variação (%)
Norte	128,90	108,80	-15,59	131,60	106,90	-18,77	1.020,97	982,32	-3,79
Nordeste	1.429,60	1.421,70	-0,55	660,20	664,80	0,70	461,81	467,63	1,26
Centro-Oeste	294,50	283,20	-3,84	591,00	578,20	-2,17	2.006,74	2.041,61	1,74
Sudeste	407,70	388,20	-4,78	680,90	648,70	-4,73	1.669,86	1.671,14	0,08
Sul	598,60	579,70	-3,16	926,20	901,30	-2,69	1.547,46	1.554,74	0,47
Brasil	2.859,30	2.781,60	-2,72	2.989,90	2.899,90	-3,01	1.045,68	1.042,53	-0,30

Nota: Estimativa de nov./2022.

Fonte: Conab, nov./2022.

Em relação ao balanço de oferta e demanda, além da redução esperada na área plantada para a safra atual e da manutenção do consumo nos patamares de 2021/22, merece destaque a redução no volume das exportações. A Conab registrou, em 2021, uma exportação recorde de 222 mil toneladas; contudo, para a atual temporada, o estado do Mato Grosso, principal exportador nacional, reduziu pela metade a área plantada, que deu lugar principalmente à cultura do milho. Assim, partindo-se do estoque inicial de 199 mil toneladas, da manutenção no volume de importações, do consumo em 2,85 milhões de toneladas e de exportações em 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 198,9 mil toneladas.

Tabela 3. Feijão total – BR: balanço de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2018/10	287,40	3.017,70	149,60	3.454,70	3.050,00	164,00	240,70
2019/20	240,70	3.222,10	113,60	3.576,40	3.150,00	176,60	249,80
2020/21	249,80	2.893,80	81,30	3.224,90	2.893,80	222,00	109,10
2021/22	109,10	2.989,90	100,00	3.199,00	2.850,00	150,00	199,00
2022/23⁽¹⁾	199,00	2.899,90	100,00	3.198,90	2.850,00	150,00	198,90

⁽¹⁾ Estimado.

Fonte: Conab, nov./2022.

Safra catarinense

Feijão primeira safra

Na região do litoral sul-catarinense, um pequeno percentual da área plantada já alcançou a fase de florescimento. O excesso de chuvas na região tem prejudicado a realização dos tratamentos culturais necessários na atual fase de desenvolvimento da cultura. Outro aspecto que preocupa são as baixas temperaturas para a época do ano, o que interfere negativamente no desenvolvimento das plantas de feijão.

Subindo para a região do planalto norte-catarinense, a última semana de outubro e a primeira de novembro foram de tempo firme, com abertura de sol, o que permitiu aos produtores regularizarem as operações de plantio que estavam atrasadas. Por outro lado, o excesso de chuvas das semanas anteriores, assim como a chegada do frio intenso, têm provocado o aparecimento de doenças na fase inicial do desenvolvimento das plantas de feijão, fazendo com que muitos produtores reduzissem o plantio de feijão e/ou dele desistissem, substituindo-o pelo plantio de soja. Nessa região, já observamos uma redução de 16,86% na área plantada em relação às estimativas iniciais, passando de 10.320ha para atuais 8.580ha.

No oeste catarinense, com a melhora nas condições climáticas, as operações de plantio se intensificaram

significativamente na segunda quinzena de outubro. Assim como na região do planalto norte, em função das condições climáticas desfavoráveis, que encurtaram a janela de plantio de feijão e soja, muitos produtores reduziram a área do feijão e aumentaram a da soja. Assim, para a região oeste do estado, observamos uma redução de 17,22% na área plantada em relação às estimativas iniciais, passando de 7.738 ha para os atuais 5.576 ha.

Na região do Alto Vale do Rio do Peixe, os plantios de feijão da 1ª safra igualmente foram prejudicados pelo atraso registrado no plantio e pelo frio intenso e pela ocorrência de geadas na primeira semana de novembro. Com a abertura do sol, os produtores deram continuidade às operações de plantio, que devem ser concluídas até a segunda quinzena de novembro. Já na região do meio oeste, os plantios de feijão ainda não foram iniciados. Deveremos ter plantio de feijão apenas sobre os restos (resteva) das lavouras de inverno. Com os preços em queda, a tendência é que se reduzam as áreas de plantio.

A estimativa atual para a 1ª safra de feijão 2022/23 aponta para uma redução ainda maior na área plantada do que a estimada inicialmente. A área plantada deverá cair cerca de 10% em relação à da safra anterior, reflexo da redução das cotações do produto nos últimos meses e dos problemas climáticos enfrentados pelos produtores na época de plantio. Para a produtividade, as estimativas ainda são de crescimento. Em comparação à safra passada, espera-se um incremento de 28%, passando de 1.507kg/ha para 1.933kg/ha. O resultado é que poderemos ter uma safra 15% maior, chegando a aproximadamente 62 mil toneladas. Até o momento, em todo o estado, cerca de 43,10% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já havia sido plantada.

Tabela 4. Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2021/22 e estimativa da safra 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Estimativa inicial safra 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	60	52	867	53	62	1.170	-12	19	35
Campos de Lages	7.940	11.846	1.492	8.030	14.764	1.839	1	25	23
Canoinhas	9.720	14.764	1.519	7.980	15.718	1.970	-18	6	30
Chapecó	1.682	2.053	1.221	1.810	3.832	2.117	8	87	73
Concórdia	289	101	349	285	387	1.358	-1	283	289
Criciúma	668	782	1.171	667	838	1.256	0	7	7
Curitibanos	3.710	5.488	1.479	2.450	4.475	1.827	-34	-18	24
Florianópolis	-	-	-	15	16	1.067	-	-	-
Ituporanga	1.167	2.003	1.716	1.140	2.028	1.779	-2	1	4
Joaçaba	2.807	2.996	1.067	2.820	5.922	2.100	0	98	97
Rio do Sul	801	1.145	1.429	805	1.124	1.396	0	-2	-2
São Bento do Sul	600	950	1.583	600	1.050	1.750	0	11	11
São M. do Oeste	804	1.228	1.527	637	1.496	2.349	-21	22	54
Tabuleiro	-	-	-	330	356	1.079	-	-	-
Tijucas	-	-	-	190	292	1.537	-	-	-
Tubarão	602	752	1.249	523	705	1.348	-13	-6	8
Xanxerê	4.871	9.678	1.987	3.766	8.987	2.386	-23	-7	20
Santa Catarina	35.721	53.838	1.507	32.101	62.052	1.933	-10	15	28

Fonte: Epagri/Cepa, nov./2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, após recuos sucessivos desde o início do ano, os preços ao produtor apresentaram uma recuperação de 1,54% em outubro frente a setembro, sendo o quarto mês consecutivo de recuperação dos preços (Figura 1). As cotações registradas nos estados estão mais regulares. O diferencial apresentado pode ser explicado em parte pela logística e distância dos portos e centros de maior consumo do cereal.

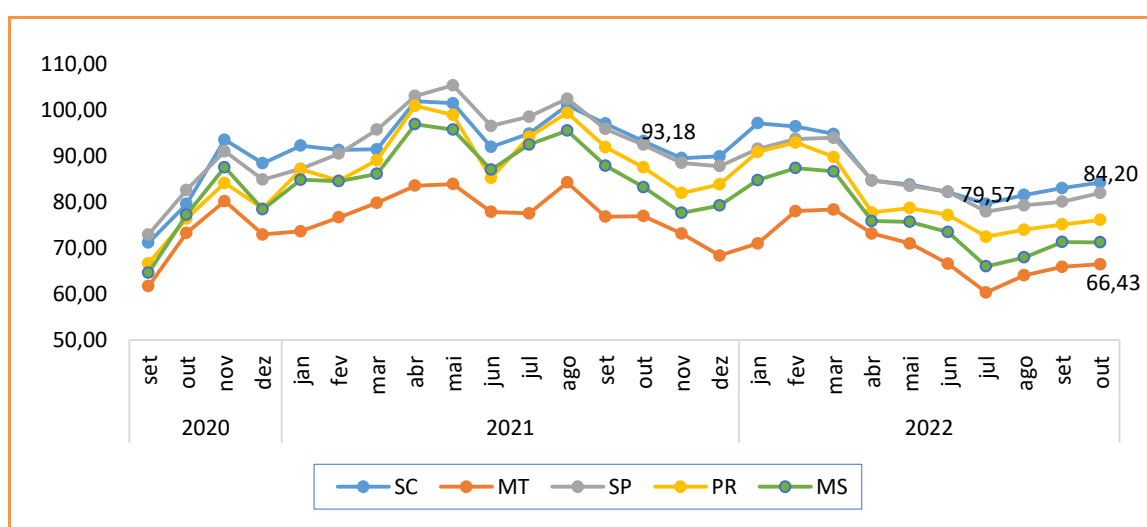


Figura 1. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) de set. 2020 a out. 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa, Esalq-Cepea, Deral/PR e Agrolink.

A base para a análise da evolução dos preços do milho é a média mensal dos valores mais comuns levantados pela Epagri/Cepa em Santa Catarina. No comparativo entre a evolução da cotação nominal, o que se compara são os valores encontrados no momento em que são levantados e os de seu valor real, que considera o efeito inflacionário dos preços no período, corrigidos, neste caso, pelo IGP-DI.¹ Assim, numa análise em um período superior ao ano corrente é importante observar a variação do valor real (Figura 2).

¹ O Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) é um indicador do movimento de preços que cobre todo o processo produtivo, desde preços de matérias-primas agrícolas e industriais, passando pelos preços de produtos intermediários, até os de bens e serviços finais. Este índice de inflação é calculado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE) todos os meses do ano, desde junho de 1989.

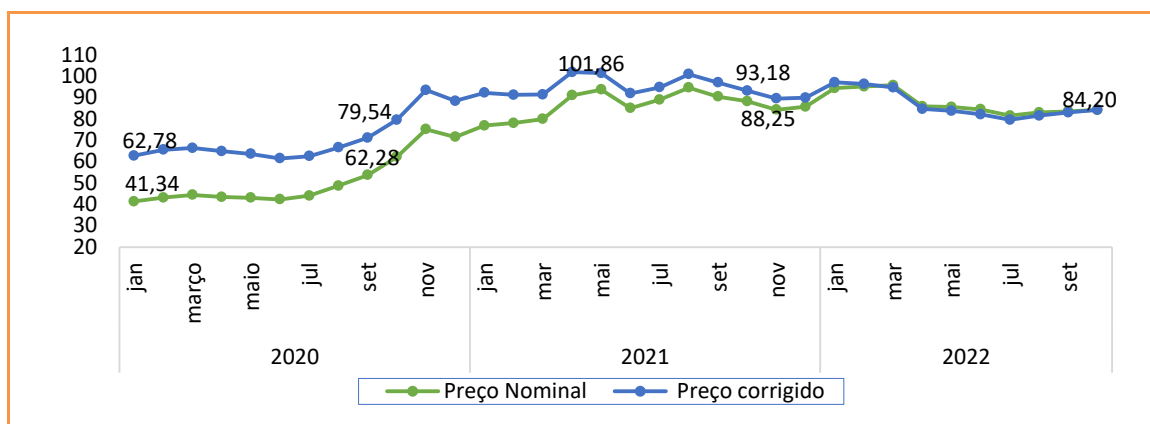


Figura 2. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) – set. 2020-out. 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa. Deral/PR e Agrolink.

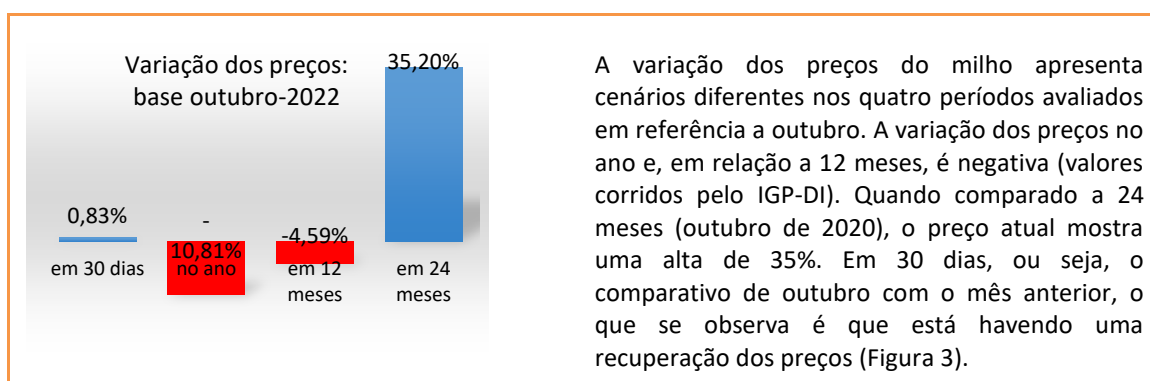


Figura 3. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) – base comparativa dos preços de outubro 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa. Deral/PR e Agrolink.

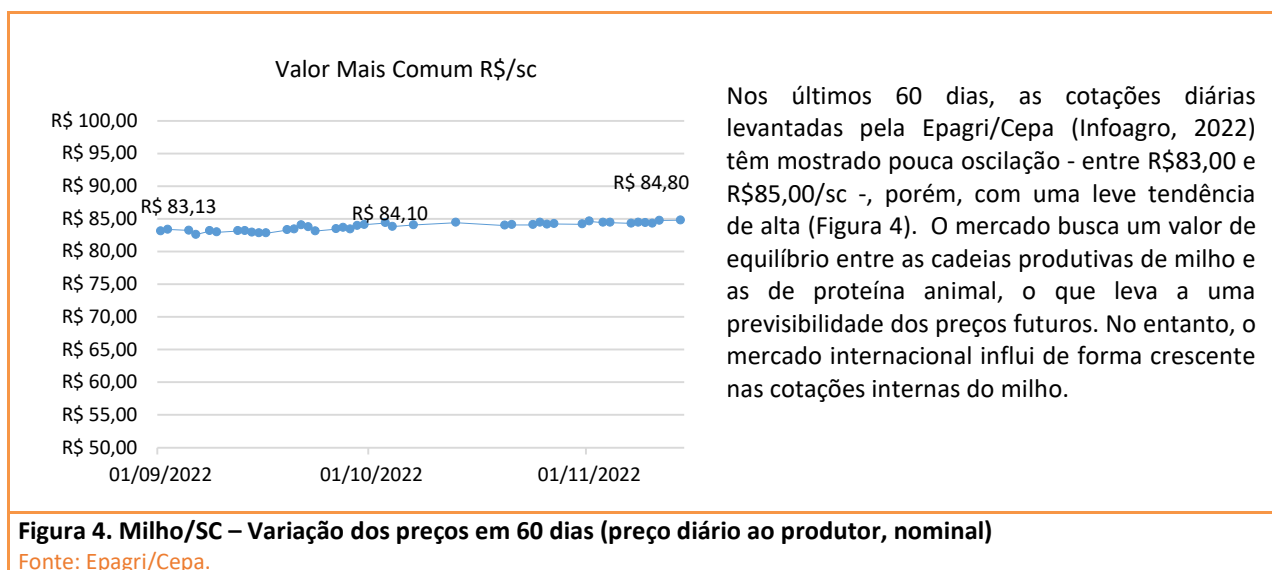
O mercado está sendo influenciado por diversos fatores nos últimos 30 dias. Dentre eles, podem-se destacar:

Milho/SC – Fatores que influenciam o mercado de milho	
Fatores de alta	Fatores de baixa
<ul style="list-style-type: none"> - Estiagem na Europa e China - Guerra Rússia x Ucrânia, acordo do corredor de exportações com término previsto para 19 de outubro. - Exportações brasileiras, cerca de 32 milhões de toneladas foram embarcadas até outubro² - Redução dos estoques mundiais (USDA, nov. 2022²); 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior oferta da segunda safra brasileira - Maior oferta da safra do Paraguai e importações desta origem por Santa Catarina - Juros e economia mundiais - Intenção das importações pela China - Alta do dólar na primeira quinzena de novembro

No mercado interno, a tendência é de preços estáveis até o final desta temporada, mesmo com expectativa de safra recorde de milho no Brasil em 2023.

² <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Variação diária dos preços



Estimativa inicial da safra estadual 2022/23

A estimativa inicial da safra 2022/23 (primeira safra) apresenta o indicativo de uma retomada da produção após duas safras com redução significativa. A produção total inicialmente estimada foi de 2,7 milhões de toneladas. Neste relatório de outubro, a Epagri/Cepa fez uma correção na área cultivada e na produtividade, que resultou na redução da produção total (Tabela 1). Os fatores climáticos já influenciam a redução da produção estadual.

Tabela 1. Milho/SC – Estimativa inicial da área, rendimento e produção de milho (primeira safra) e comparativo com a estimativa atual por microrregiões e estado

MRG	Safra 2022/23 – Est. inicial			Safra 2022/23 – Est. atual		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Araranguá	7.786	7.543	58.730	7.786	7.243	56.393
Blumenau	1.975	4.967	9.811	1.975	5.091	10.055
Campos de Lages	36.010	6.709	241.602	31.470	6.600	207.702
Canoinhas	32.700	9.415	307.870	32.700	9.300	304.110
Chapecó	38.955	8.347	325.158	40.085	8.471	339.573
Concórdia	22.730	8.141	185.034	22.730	7.960	180.931
Criciúma	7.109	7.881	56.024	7.109	7.830	55.663
Curitibanos	24.470	10.354	253.371	24.470	9.375	229.406
Ituporanga	9.450	7.727	73.020	9.450	7.714	72.900
Joaçaba	60.815	8.932	543.192	60.815	8.922	542.605
Joinville	520	5.915	3.076	520	5.820	3.026
Rio do Sul	18.290	7.088	129.648	18.290	7.140	130.591
São Bento do Sul	3.100	8.497	26.340	3.100	8.433	26.143
São Miguel do Oeste	22.840	8.595	196.310	22.840	8.524	194.684
Tabuleiro	2.220	6.712	14.900	2.220	5.617	12.469
Tijucas	3.315	5.603	18.575	3.315	5.333	17.680
Tubarão	4.433	7.758	34.390	4.433	7.350	32.583
Xanxerê	22.450	9.953	223.450	22.430	9.359	209.918
Total geral	319.168	8.461	2.700.500	315.738	8.318	2.626.432

Fonte: Epagri/Cepa.

Calendário

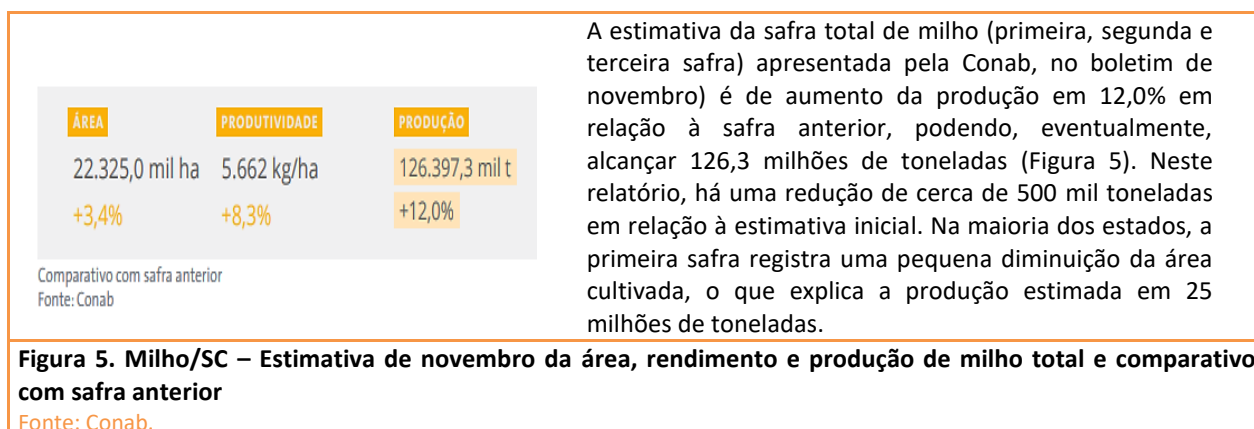
Na primeira semana de novembro, na média estadual, a área cultivada já alcança cerca de 91,7% do plantio em relação à área inicialmente prevista (Tabela 2), por conta de um atraso no plantio em algumas regiões devido ao excesso de chuvas em outubro e a baixas temperaturas. Em função da situação climática em outubro, as lavouras de milho-grão e milho-silagem registram mais de 14% das lavouras em condição média e ruim, o que já sinaliza para a redução do potencial produtivo inicialmente previsto. O milho é uma espécie que tem mostrado suscetibilidade genética às mais variadas condições ambientais, que afetam as variabilidades genéticas para efeito de seleção. A temperatura é o mais importante entre todos os fatores ambientais que influenciam a taxa de desenvolvimento da planta. As respostas de temperatura da maioria dos processos metabólicos em milho são similares. De forma geral, a resposta da taxa de aparecimento foliar em milho *exige* uma temperatura ótima em torno de 30°C, enquanto a taxa de aparecimento foliar é zero abaixo de 6°C e acima de 45°C.³ O baixo volume de chuvas registrado na primeira quinzena de novembro já preocupa os produtores, em especial de milho, na região Oeste as lavouras iniciam a fase de floração, período exigente

Tabela 2. Milho/SC – Calendário de plantio estadual, base das informações da primeira semana de novembro 2022 (% de plantio da área prevista e condição das lavouras)

Produto	Plantio total (ha)	Desenv. veget. (%)	Maturação (%)	Condição ruim (%)	Condição média (%)	Condição boa (%)
Tomate	58,1	92,6	1,1	0,0	4,0	96,0
Fumo	99,9	83,3	16,7	1,7	12,8	85,6
Feijão 1ª safra	43,1	99,8	0,0	0,2	7,8	91,9
Soja 1ª safra	26,3	100,0	0,0	0,0	2,4	97,6
Milho silagem	86,9	99,3	0,0	1,2	14,9	83,9
Milho grão 1ª safra	91,7	99,2	0,0	0,9	13,3	85,8
Arroz	99,1	100,0	0,0	0,0	5,1	94,9

Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento de safras.

Safra nacional⁴



³ DURÃES, F. O. M. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2007_1/limitemilho/index.htm>. Acesso em: 16 nov. 2022.

⁴ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.10 – safra 2022/23, nº2 – Segundo levantamento | novembro 2022.

Mercado mundial

No panorama do mercado mundial do milho 2022/23, há alguns pontos a se destacar:

- O relatório de novembro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda),⁵ que mantém as estimativas do relatório anterior da produção global do cereal com colheitas menores em relação ao ciclo anterior na União Europeia, na Sérvia e nos Estados Unidos;
- A elevação das ofertas brasileiras que chegaram a US\$6/t, alcançando US\$300, o que permitiu ao Brasil exportações quase recordes - de 7,2 milhões de toneladas em outubro;
- As poucas alterações nas cotações argentinas e ucranianas dos grãos, US\$307 e US\$265 respectivamente, afetadas pela iniciativa do corredor marítimo de exportação do cereal pela Ucrânia, que injetou mais incertezas sobre a continuidade do acordo após sua expiração em 19 de novembro de 2022;
- A importação recorde da União Europeia - de 4,2 milhões de toneladas de milho do Brasil no quarto trimestre de 2021/22, devida aos danos causados pela seca sobre a produção de milho da Europa para a safra 2022/23, agora prevista no nível mais baixo desde 2007/08 e 20% abaixo da do ano passado.
- Na primeira quinzena de novembro os contratos futuros de milho fecharam com maior menor oscilações na parte do tempo na Bolsa de Chicago (CBOT), terminou a US\$6,67 por bushel (em 18/11). O mercado foi pressionado pela alta do dólar no exterior e pela queda do petróleo nas bolsas internacionais.
- O avanço da moeda norte-americana torna as commodities produzidas nos Estados Unidos menos atraentes para compradores estrangeiros, enquanto o recuo do petróleo diminui a competitividade relativa do etanol. Nos EUA mais de 30% da produção do biocombustível é feito principalmente com milho (mais de 30% da produção americana). Neste contexto o milho brasileiro ficou competitivo com a alta do dólar.

⁵ Global Market Analysis, Foreign Agricultural Service/USDA 14 October 2022.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

As cotações da soja ao produtor no estado recuaram desde o início do ano até atingir a mínima de R\$173,43/sc em agosto (Figura 1). Em setembro, registou-se um leve aumento, que se manteve praticamente estável até o início de novembro. Em relação ao mesmo período do ano passado (setembro de 2021), os valores se mantêm próximos, com variação inferior a 1%.

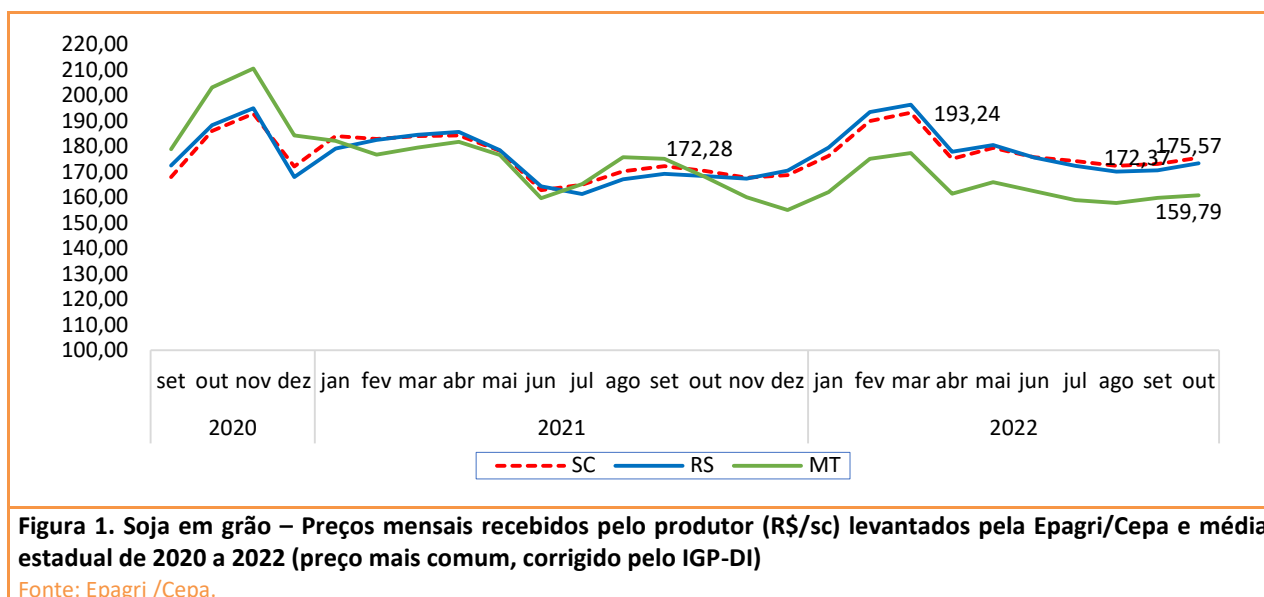


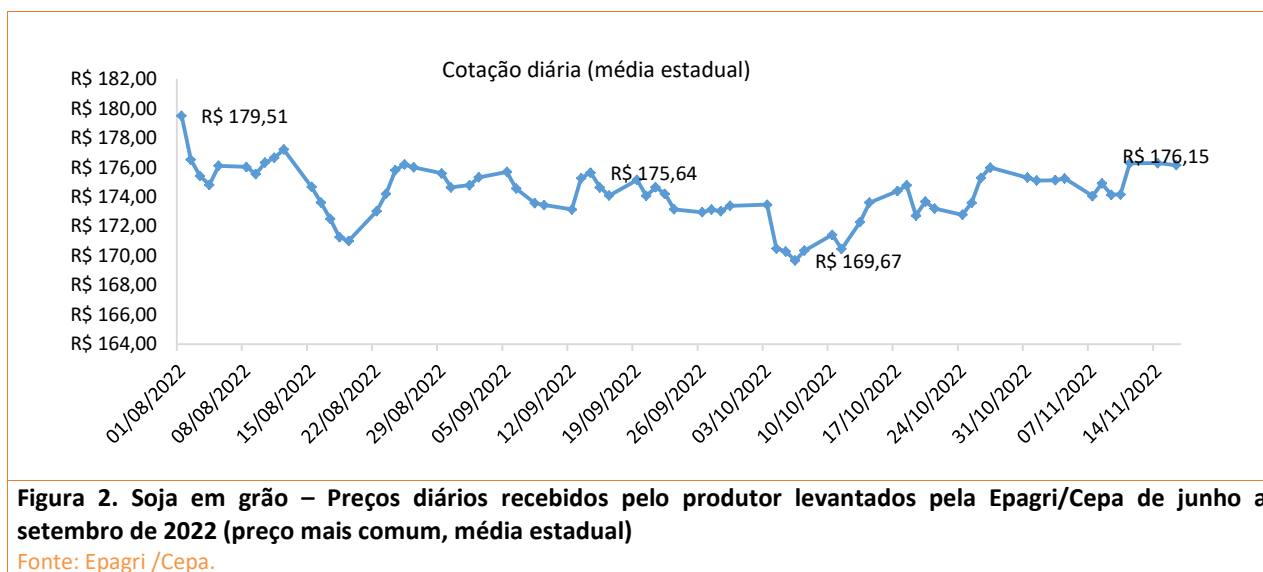
Figura 1. Soja em grão – Preços mensais recebidos pelo produtor (R\$/sc) levantados pela Epagri/Cepa e média estadual de 2020 a 2022 (preço mais comum, corrigido pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri /Cepa.

Preços diários e tendências do mercado

Desde agosto, as cotações oscilaram entre R\$180,00/sc e R\$170,00/sc (Figura 2), com indicativo ou movimento de baixa até início de outubro. O câmbio e as intenções da China em relação aos volumes importados continuam pesando no movimento do mercado global da oleaginosa. Além disto, os coprodutos do cereal apresentaram movimentações diferenciadas, uma vez que o óleo sofre influência direta das cotações do petróleo. A liquidez esteve lenta no mercado interno de soja em grande parte do mês de outubro; os preços do grão recuaram, pressionados pela desvalorização externa. Além disso, os produtores brasileiros mantiveram as atenções voltadas à semeadura da temporada 2022/23 e evitaram negociar o excedente da safra 2021/22.⁶ Por outro lado, a demanda externa pelo produto brasileiro esteve firme em outubro, visto que problemas logísticos nos Estados Unidos – em decorrência do baixo nível do Rio Mississippi – levaram demandantes internacionais ao Brasil. Assim, conforme dados da Secex, o Brasil enviou à China 3,23 milhões de toneladas de soja em outubro, volume 25% acima do escoado em setembro, e 22,7% superior ao do mesmo período de 2021. Na primeira quinzena de novembro, as cotações vêm esboçando uma reação associada à cotação do dólar, o que contribuiu para as oscilações no período.

⁶ Esalq-Cepea, Agromensal, out. 2022.



Safra estadual de verão

O prognóstico inicial da produção de soja no estado na safra 2022/23 é de 2,61 milhões de toneladas, com aumento de 28,8 % em relação à safra anterior, afetada pela forte estiagem do início de 2022 (Tabela 1). Na atualização de outubro, a área de cultivo foi elevada para 730 mil hectares, elevando também a produção do estado - que chegou a 2,66 milhões de toneladas. Estes números consolidam o aumento sistemático da área de cultivo da oleaginosa nos últimos anos.

Tabela 1. Soja/Santa Catarina – Estimativa inicial da safra 2022/23, área, produção e produtividade, média regional e estadual – Comparativo com a estimativa atual (out. 2022)

MRG	Safra 2022/2023 – inicial			Safra 2022/2023 – atual		
	Área Plant. (ha)	Prod. Méd. (t/ha)	Produção (t.)	Área Plant. (ha)	Prod. Méd. (t/ha)	Produção (t.)
Araranguá	740	3.315	2.453	740	3.300	2.442
Campos de Lages	72.590	3.316	240.676	79.650	3.343	266.259
Canoinhas	154.000	3.718	572.560	155.750	3.650	568.488
Chapecó	81.990	3.327	272.755	84.670	3.289	278.453
Concórdia	7.870	3.610	28.412	7.870	3.492	27.482
Criciúma	4.440	3.356	14.903	4.440	3.350	14.874
Curitibanos	120.620	4.019	484.749	120.620	3.805	458.959
Ituporanga	8.700	3.666	31.890	8.700	3.686	32.066
Joaçaba	58.972	3.672	216.529	61.565	3.616	222.592
Rio do Sul	8.020	3.465	27.786	8.020	3.392	27.206
São Bento do Sul	12.900	3.326	42.910	12.900	3.233	41.710
São Miguel do Oeste	40.090	3.844	154.118	40.090	3.681	147.569
Tubarão	1.450	3.356	4.866	1.450	3.340	4.843
Xanxerê	143.300	3.598	515.570	143.720	3.544	509.361
Total geral	715.682	3.647	2.610.176	730.185	3.648	2.663.534

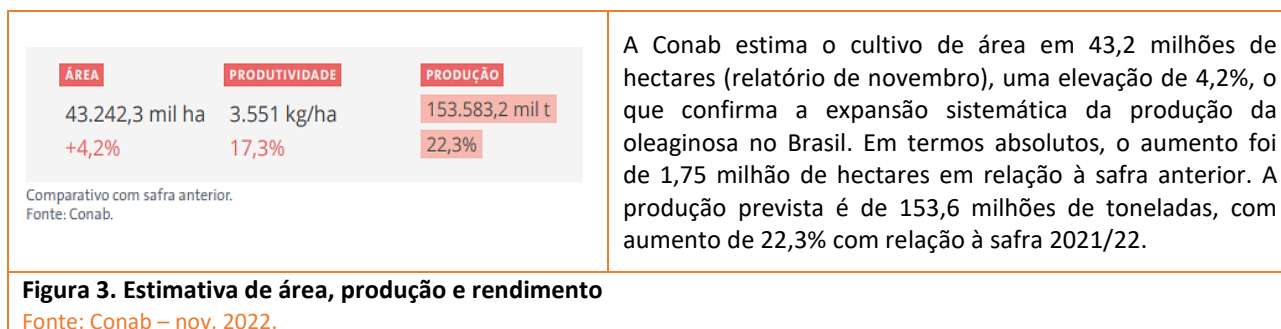
Fonte: Epagri /Cepa.

Calendário e condição das lavouras:

Até a primeira semana de novembro a semeadura estava com 40,8% da área prevista de cultivo no estado. Houve atraso de cerca de 15 dias no plantio da soja no estado, em função das condições climáticas, em especial as temperaturas baixas registradas em outubro. As condições estáveis do tempo na primeira

quinzena de novembro permitiram maior intensidade nos trabalhos de semeadura. Até final de novembro, o período de plantio é favorável, conforme zoneamento agroclimático para a maioria das regiões do estado.

Soja safra nacional 2022/23⁷



Exportações do complexo soja – Brasil

As exportações do complexo soja pelo Brasil registraram, até outubro,⁸ um volume de 94,53 milhões de toneladas (Tabela 2). O maior volume exportado é na forma de grãos, com 74,6 milhões de toneladas, sendo, mesmo assim, o menor dos últimos três anos, quando foi cerca de 80 milhões de toneladas (MT) embarcadas no período. Quanto ao coproduto farelo de soja (bagaços e outros resíduos), houve um aumento em relação a 2021, quando foram exportados 11,3 MT³ e, até outubro de 2022, 13,2 MT (Tabela 2). Em relação ao valor por tonelada, é o maior da série analisada.

Tabela 2. Soja/Brasil – Exportações do complexo soja pelo Brasil, acumulado até outubro 2022

Grupos de Produtos/Produtos	Volume BR (t)	Valor BR (mil US\$)	US\$/t BR
Produtos de origem vegetal	88.698.992,36	52.682.045,57	593,94
Produtos do complexo soja	88.698.992,36	52.682.045,57	593,94
12019000-Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	70.759.805,02	41.536.600,88	587,01
23040090-Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	11.864.873,09	5.896.920,95	497,01
23040010-Farinhas e pellets, da extração do óleo de soja	4.120.084,70	2.174.592,88	527,80
15071000-Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	1.797.517,51	2.768.342,08	1.540,09
15079011-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros	103.698,53	207.052,25	1.996,67
15079019-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros	46.607,92	76.718,88	1.646,05
35040020-Proteínas de soja em pó, com teor de proteínas superior ou igual a 90 %, em peso, em base seca	6.113,87	21.343,72	3.491,03
12081000-Farinha de soja	234,48	376,87	1.607,22
15079090-Outros óleos de soja	57,23	97,07	1.696,23
Total	88.698.992,36	52.682.045,57	593,94

Fonte: ME Comexstat. Elaboração Epagri /Cepa.

⁷ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 10 – safra 2022/23, nº1 – Primeiro levantamento | outubro 2022.

⁸ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

Exportações do complexo soja – Santa Catarina

As exportações do complexo soja por Santa Catarina, acumulado em 1,05 milhão de toneladas até outubro, são, para o período, o menor volume desde 2014. A redução da safra de 2021/22 e a elevação da capacidade de processamento no estado explicam a forte redução das exportações da oleaginosa em grãos no período atual. As exportações na forma de grãos somam mais de 90% do total exportado.

Tabela 3. Soja/Santa Catarina – Exportações do complexo soja, acumulado até outubro 2022

Produtos Exportados	Volume SC (t)	Valor SC (mil US\$)	US\$/t SC
Produtos de origem vegetal	1.051.024,20	700.470,14	666,46
Produtos do complexo soja	1.051.024,20	700.470,14	666,46
12019000-Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	970.114,00	608.172,61	626,91
12081000-Farinha de soja	15,00	31,85	2.123,33
15071000-Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	42.208,28	62.581,54	1.482,68
15079011-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros	5.516,83	9.993,83	1.811,52
15079019-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros	821,75	1.504,31	1.830,61
15079090-Outros óleos de soja	65,47	92,18	1.407,85
23040010-Farinhas e pellets, da extração do óleo de soja	8.033,86	3.802,48	473,31
23040090-Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	24.249,01	14.291,34	589,36
Total	1.051.024,20	700.470,14	666,46

Fonte: ME Comexstat. Elaboração Epagri /Cepa.

Mercado internacional

- Na Bolsa de Chicago, os contratos futuros para 2023 seguem sustentados, no intervalo entre US\$13,70 a US\$14,40 por bushel;
- A curto prazo (30 dias), no mercado interno os preços devem continuar sustentados pela cotação do dólar e maior demanda por farelo e óleo;
- Por outro lado, a pressão sobre os preços da soja acontece em função das estimativas de elevação de área e produção do Brasil e Estados Unidos para a safra 2022/2023;
- A previsão da produção global de oleaginosas na safra 2022/23 é de 645 milhões de toneladas, conforme relatório do USDA de novembro⁹,
- O comércio de oleaginosas é marginalmente maior com o aumento das exportações de soja da Argentina e de colza da Austrália.
- O esmagamento global foi ligeiramente reduzido para a soja argentina e o processamento da palma da Malásia.
- Os estoques totais globais de oleaginosas aumentaram, principalmente devido aos maiores volumes de soja na China.
- Outro fator importante que deverá afetar as cotações futuras das *commodities* é o macro cenário e o ritmo da economia mundial em 2023.

⁹ Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA 2. November 2022.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de outubro, o preço médio mensal ficou em R\$93,40/sc de 60kg, variação negativa de 2,16%. Na comparação anual, em termos nominais, os preços recebidos em outubro deste ano estão 11,82% acima dos registrados no mesmo mês de 2021. No Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$93,49/sc de 60kg, queda de 0,09% frente à de setembro, e elevação de 14,24% na comparação com a de outubro de 2021. O preço médio do trigo no mercado-balcão do Paraná foi de R\$94,07/sc de 60kg, aumento de 0,81% frente a setembro, e valorização de 7,71% em relação a outubro de 2021.

Apesar dos problemas de qualidade na produção de trigo nesta safra, em função da ocorrência de doenças fúngicas, propiciadas pelas condições climáticas adversas, os preços no mercado interno apresentaram discreta melhora no início do mês de novembro. Na primeira semana de novembro (31/10 a 04/11), o mercado paranaense acusou elevação nos preços pagos ao produtor. A saca de 60kg de trigo (tipo 1 - PH 78) foi cotada a R\$101,72, aumento de 3,14% em relação à semana anterior.

No mercado catarinense, o preço médio na primeira semana de novembro está 3,88% acima do preço médio do mês de outubro. Já no Rio Grande do Sul, na primeira semana de novembro, esteve 2,82% maior do que o preço médio do mês de outubro, demonstrando discreto comportamento de alta nos três estados da Região Sul.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Out./22	Set./22	Varição mensal (%)	Out./21	Varição anual (%)
Santa Catarina	93,40	95,46	-2,16	83,53	11,82
Paraná	94,07	93,31	0,81	87,34	7,71
Mato Grosso do Sul	93,00	94,50	-1,59	85,48	8,80
Goiás	108,00	116,45	-7,26	102,00	5,88
Rio Grande do Sul	93,49	93,57	-0,09	81,84	14,24

Nota: Trigo-pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral/Seab (PR); Conab (MS, GO e RS) – nov. 2022.

Em relação ao cenário internacional, durante o mês de outubro a Rússia chegou a suspender o “acordo dos grãos”. Esse acordo, firmado entre Rússia e Ucrânia no mês de julho, prevê a possibilidade do escoamento da produção de grãos a partir dos portos localizados no sul da Ucrânia. No último dia 2 de novembro, porém, a Rússia informou que manterá o acordo para liberação das exportações, considerando haver garantias por parte da Ucrânia de que não haverá ataques aos navios que cruzam o Mar Negro.

Caso a suspensão do acordo se mantivesse, poderiam deixar de ingressar no mercado internacional cerca de 42 milhões de toneladas de trigo russo e 11 milhões de toneladas de trigo ucraniano, já que esses são os volumes de exportação estimados pelo Usda na safra 2022/23 para esses dois países. Ainda segundo o Usda, a Rússia deverá produzir, nesta safra, cerca de 91 milhões de toneladas e a Ucrânia, mais 20,5 milhões de toneladas.

Por outro lado, no hemisfério sul, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, a Argentina deverá produzir menos trigo nesta safra em função de problemas climáticos. Está prevista uma produção de 14 milhões de toneladas, redução de 37,8% em relação à safra 2021/22; com isso, as exportações também deverão ser cerca de 12 milhões de toneladas menores, redução de 26%. Já a Austrália deverá ter uma

redução de 10% em sua produção, passando de 36,4 milhões de toneladas para 33 milhões de toneladas. Em se confirmando essas estimativas, deveremos ter uma redução de 9,1% nas exportações australianas.

Safra nacional

Aqui, no Brasil, a safra de trigo segue firme, com a intensificação das operações de colheita nos três estados no Sul. Para o Rio Grande do Sul, a Emater/RS reavaliou as estimativas de inverno, indicando uma área plantada de 1.458,0 mil hectares. A produtividade estimada é de 3.210kg/ha. Até o início de novembro, as lavouras vêm apresentando excelente potencial produtivo, que evoluem rapidamente para a finalização do ciclo. A maturação alcançou 62% das lavouras e a colheita se intensificou, alcançando 12% da área cultivada. Em relação à média das últimas cinco safras relativamente a esta mesma época do ano, o índice de colheita superava 60%.

No Paraná, segundo maior produtor nacional de trigo, dados do Deral/PR revelam que o estado cultivou, nesta safra, 1.191,8 mil hectares. A expectativa é de uma produção de 3.567,1 mil toneladas, com uma produtividade média de 2.993kg/ha. Até o início de novembro, aproximadamente de 69% da área destinada ao cultivo do cereal alcançou a fase de maturação e 31% se encontra em fase de frutificação. Com mais de 72% da área de trigo já colhida, a condição das lavouras é considerada boa em 63% das áreas, condição média em 31% e condição ruim em 5% da área plantada.

A Conab revisou seus números para a safra 2022/23 iniciada em agosto de 2022. Referente à produção, espera-se um volume de 9.359,90 mil toneladas, o que representa um aumento de 21,9% em relação à safra anterior. Este aumento na produção se deve ao incremento na área plantada, que deverá crescer 10,6%, assim como o crescimento na produtividade média nacional, que, até o momento, aponta para um crescimento de 10,2%.

Tabela 2. Trigo grão – Brasil: comparativo de área, produção e produtividade – Safras 2021 e 2022

Região	Área (mil ha)			Produção (mil t)			Produtividade (kg/ha)		
	Safra 2021	Safra 2022	Variação (%)	Safra 2021	Safra 2022	Variação (%)	Safra 2021	Safra 2022	Variação (%)
Nordeste	6,10	7,00	14,80	34,77	39,90	14,80	5.700	5.700	0,00
Centro-Oeste	92,80	83,70	-9,80	183,40	194,30	5,90	1.976	2.321	17,50
Sudeste	159,20	204,60	28,50	426,00	604,90	42,00	2.676	2.957	10,50
Sul	2.481,20	2.735,70	10,30	7.035,20	8.520,80	21,10	2.835	3.115	9,90
Brasil	2.739,30	3.031,00	10,60	7.679,37	9.359,90	21,90	2.803	3.088	10,20

Nota: Estimativa em out. 2022.

Fonte: Conab.

Safra catarinense

Para os municípios que fazem parte da região do planalto norte-catarinense, a segunda quinzena de outubro foi marcada pelo aparecimento do sol; entretanto, as avaliações das lavouras permanecem as mesmas (25%, média e 75%, boas). A colheita já se iniciou na região, de forma lenta, devendo intensificar-se a partir da segunda quinzena de novembro. Em relação às estimativas de produtividade, elas são bastante variáveis nesse início de colheita. Já na região do planalto sul-catarinense, o tempo firme, com dias ensolarados e quentes, melhorou muito a condição dos cultivos de inverno. As lavouras de trigo continuam sendo avaliadas, apresentando bom potencial produtivo. A ocorrência de giberela é presente, mas, segundo técnicos da região, nada comprometedora. A expectativa é que se inicie a colheita a partir de 15 de novembro.

Para as lavouras localizadas nos municípios da região oeste catarinense, as operações de colheita

alcançaram 20% da área plantada. Até o momento, os volumes colhidos são considerados muito bons; contudo, a qualidade do produto colhido vem apresentando problemas devido à alta ocorrência de doenças fúngicas, como a giberela e o oídio. Já na região do extremo oeste catarinense, as operações de colheita se intensificaram a partir da segunda quinzena de outubro e já ultrapassam 24% da área plantada. Produtividades e qualidade de grãos muito variáveis dependem da localização da lavoura dentro da propriedade.

Nas regiões de meio oeste catarinense e Alto Vale do Rio do Peixe, depois de um longo período de chuvas, as últimas semanas de outubro foram de bastante sol, luminosidade e calor - condição muito favorável à cultura, que está na fase final de enchimento de grão e maturação. As primeiras áreas começaram a ser colhidas. O resultado é um trigo de baixa qualidade, PH entre 72 e 74, e produtividade entre 3.300kg/ha e 3.600kg/ha.

Em todo o estado, até a última semana de outubro, 11,3% da área destinada ao cultivo do trigo havia sido colhida. Aproximadamente 52,5% das lavouras que estão no campo se encontram em fase de maturação e 47,5%, em fase de florescimento. Até o momento, as estimativas apontam para uma área plantada de 139,2 mil hectares, o que representa um aumento de 35% em relação à safra passada. A produtividade deverá crescer cerca de 1%, podendo sofrer alteração para mais ou para menos em função das condições climáticas. Nesta safra, a expectativa é de se colher mais de 475 mil toneladas, o que representa um crescimento de 37% em relação à safra anterior.

Tabela 3. Trigo grão – comparativo entre a safra 2021/22 e estimativa da safra 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Estimativa da safra 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	3.465	14.313	4.131	8.315	33.633	4.045	140	135	-2
Canoinhas	22.700	73.740	3.248	27.200	91.910	3.379	20	25	4
Chapecó	24.520	74.847	3.052	27.900	84.845	3.041	14	13	0
Concórdia	1.810	6.540	3.613	3.455	12.585	3.643	91	92	1
Curitibanos	14.320	63.892	4.462	24.680	101.796	4.125	72	59	-8
Ituporanga	1.940	4.488	2.313	3.660	7.704	2.105	89	72	-9
Joaçaba	6.116	22.675	3.707	9.580	34.950	3.648	57	54	-2
Rio do Sul	1.060	2.430	2.292	1.990	4.453	2.238	88	83	-2
São Bento do Sul	1.150	3.710	3.226	1.150	3.610	3.139	0	-3	-3
São M. do Oeste	8.260	24.859	3.010	8.095	23.894	2.952	-2	-4	-2
Xanxerê	17.450	56.300	3.226	23.210	76.222	3.284	33	35	2
Santa Catarina	102.791	347.794	3.384	139.235	475.602	3.416	35	37	1

Fonte: Epagri/Cepa, nov. 2022.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Apesar do aumento generalizado do custo de produção na agricultura, o incremento tecnológico e produtivo na cultura do alho no Brasil não deverá ser afetado, mantendo a perspectiva de o País alcançar a autossuficiência nos próximos anos.

A cadeia produtiva da hortaliça avalia como fato positivo a publicação da Portaria n° 435, do Mapa, em maio de 2022, que finalmente incorpora ao ordenamento jurídico nacional o Regulamento Técnico Mercosul de Identidade e Qualidade do Alho, aprovado pela Resolução GMC-Mercosul n° 5/21, que deverá contribuir para maior equidade nas relações comerciais com os países fornecedores de alho ao Brasil. Essa portaria estabelece os parâmetros técnicos de qualidade e identidade da cultura para fins de comercialização em território nacional.

Mercado e preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, o alho-roxo-nobre nacional, classe 5, iniciou o mês de outubro a R\$14,57/kg, redução de 1,65% em relação ao início do mês de setembro. No mesmo período, o alho classe 6 foi comercializado a R\$16,39/kg, redução de 2,44%, e o alho classe 7, a R\$18,25/kg, aumento de 1,33% em relação ao início do mês de setembro. As cotações mantiveram-se com poucas variações até o final do mês de outubro.

O mês de novembro se iniciou mantendo a tendência de pequenos movimentos de alta e recuos nas cotações da hortaliça. O alho-roxo-nacional classe 5 foi comercializado, na primeira semana, a R\$15,70/kg, aumento de 7,75%; já o alho classe 6 passou a R\$17,36/kg, aumento de 5,91%, e o alho classe 7, a R\$18,45/kg, aumento de 1,09% em relação ao início do mês de outubro.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho-nobre nacional, classes 4 e 5, permaneceu estável em praticamente todo o mês de outubro, sendo comercializado no atacado a R\$14,50/kg. O alho classes 6 e 7 teve o mesmo comportamento, sendo comercializado durante todo o mês de outubro a R\$16,50/kg; porém, nas primeiras semanas de novembro, as cotações passaram a R\$18,00/kg, aumento de 9,09% em relação ao final do mês de outubro. O alho importado, classes 4 e 5, também permaneceu com preço estável durante todo o mês de outubro, sendo comercializado a R\$15,50/kg e passando para R\$16,00/kg em novembro, aumento de 3,25% na virada do mês.

Produção

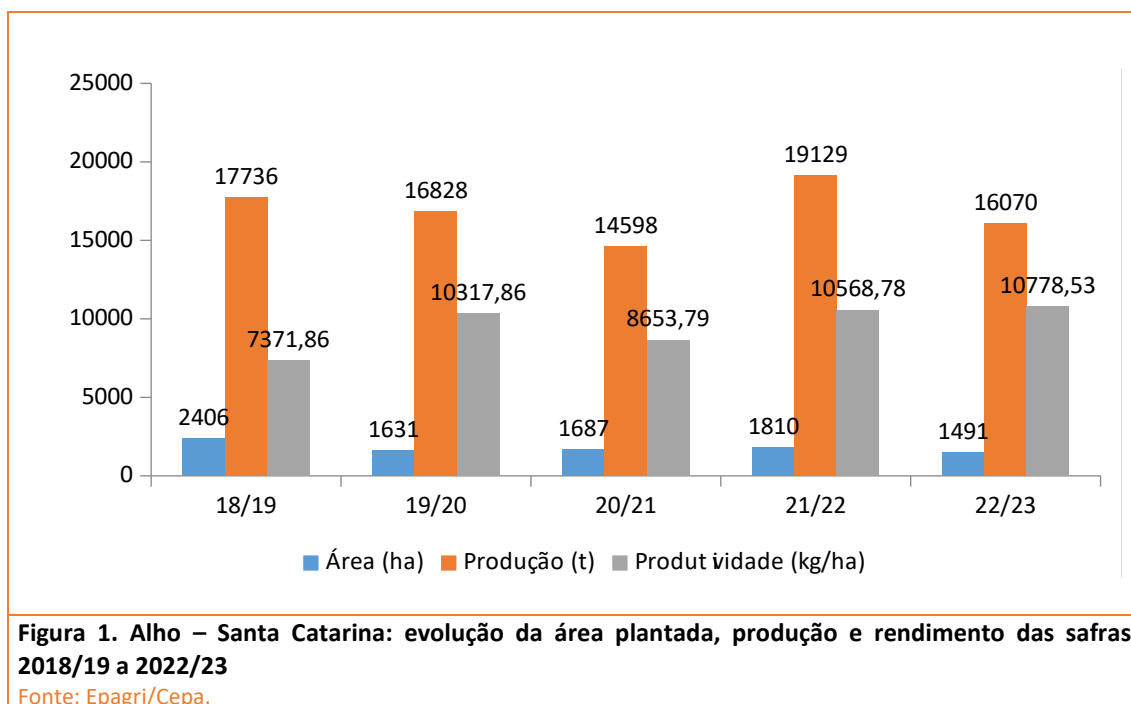
A consolidação dos dados da safra catarinense de alho fecharam indicando o plantio de 1.491 ha de área e produção estimada de 16.070 toneladas. Em relação à produtividade, a expectativa é de aumento de 1,98%, a depender das condições climáticas no período de desenvolvimento da cultura.

De acordo com o calendário agrícola do Projeto Safras da Epagri/Cepa, 3% das lavouras se encontram na fase de diferenciação (formação dos bulbos). Em relação à condição das lavouras, 80% da área plantada é considerada boa, enquanto 20% é considerada média.

Com relação à maturação e à colheita, 85% da safra catarinense se apresenta em estágio de maturação e 8%, aproximadamente, já está sendo colhida, já que a qualidade é considerada boa. Quanto aos alhos mais

tardios, as condições climáticas, com temperaturas mais baixas no período de diferenciação, provocaram o chamado “brotamento”, que afeta a qualidade comercial dos bulbos.

Na figura 1, pode-se observar a evolução da produção da cultura em Santa Catarina, desde a safra 2018/19 até a estimativa de produção da safra 2022/23. A expressiva redução da área plantada se deve aos resultados econômicos dos produtores na safra 2021/22, por não remunerarem os custos para muitos produtores, em razão da produção de bulbos de menor calibre causada pela estiagem e pelo expressivo aumento no custo de produção da atual safra.



Comércio exterior

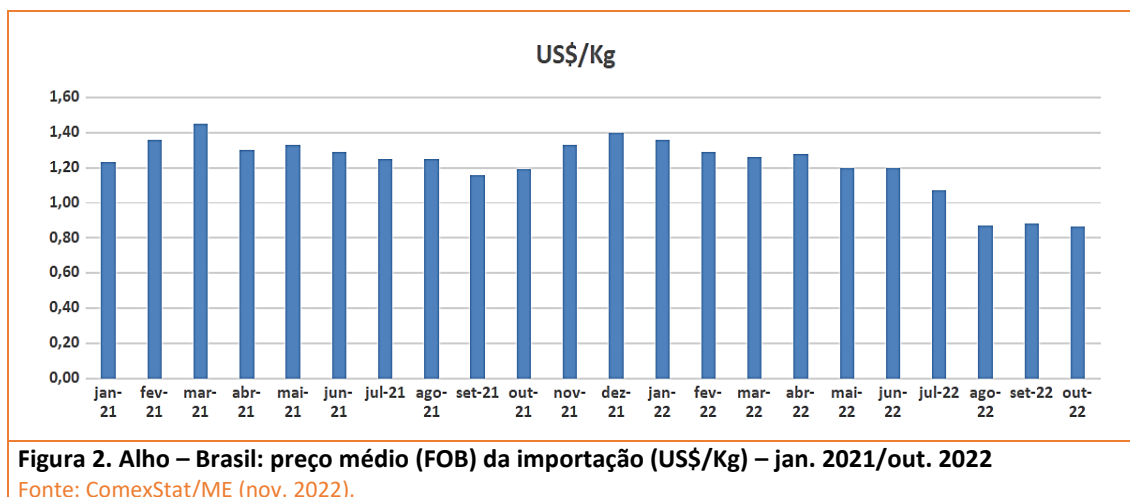
Em outubro de 2022, foram importadas 1,93 mil toneladas de alho, redução de 7,65% em relação às do mês de setembro. O volume internalizado nos primeiros nove meses é de 95,83 mil toneladas, com redução de 11,64% em relação às do mesmo período do ano passado, quando haviam sido importadas 108,46 mil toneladas. Em 2021, o Brasil importou o menor volume no período analisado, significando o menor volume dos últimos quinze anos, fechando com uma importação de 125,68 mil toneladas, ou seja, redução de 35,04% em relação a 2020. É possível que o ano de 2022 feche com volume total importado menor que o do ano passado, conforme se pode perceber nos números abaixo (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2018/set. 2022 (mil t)

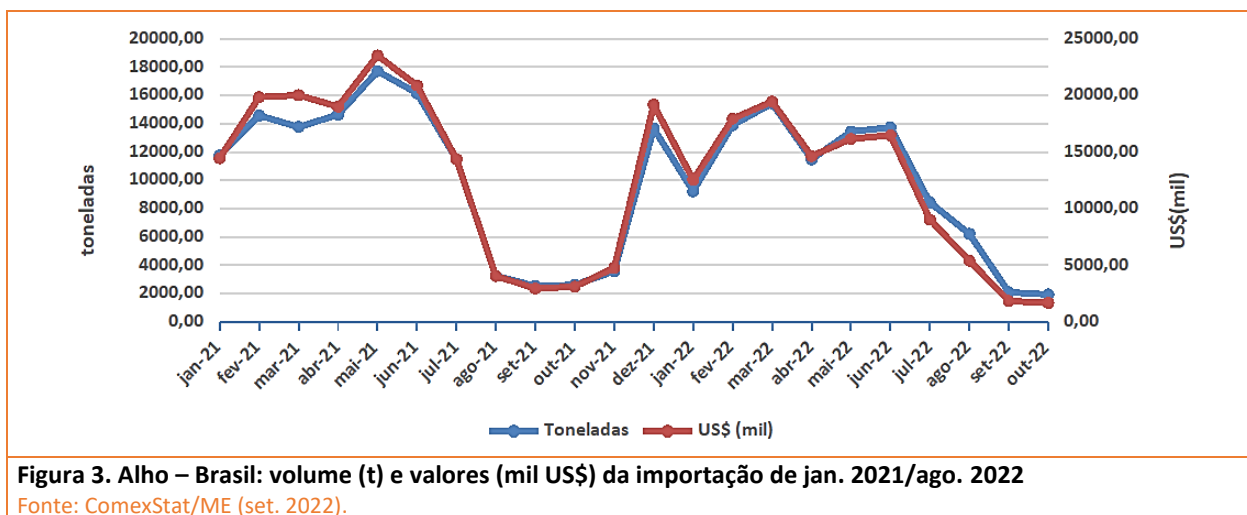
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	6,21	2,09	1,93	-	-	95,83

Fonte: Comexstat/ME (nov. 2022).

Com relação ao alho importado, no mês de outubro, o preço médio (FOB) teve pequena redução, sem impacto no mercado, passando de US\$0,88/kg para US\$0,86/kg (Figura 2). Essa condição de preço FOB extremamente baixo, porém, não afetou o mercado interno em função do alto custo do frete internacional, da questão cambial e das taxas de importação, como o *antidumping* sobre o alho chinês cobrado pelo Brasil.



Na figura 3, apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal do Brasil no período de janeiro de 2021 a outubro de 2022. No mês de outubro, a quantidade importada foi de 1,93 mil toneladas, com desembolso de US\$1,67 milhão (FOB), redução de 8,74% em relação ao desembolso com a importação do mês de setembro e de 7,65% na quantidade importada.



Os fornecedores da hortaliça ao Brasil, no mês de outubro, foram a China, com 1,45 mil toneladas, perfazendo 75,14% da importação no mês; a Espanha, com 434,1 toneladas, o equivalente a 22,43%, e a Argentina, com 47 toneladas, perfazendo 2,43% do total importado (Figura 4).

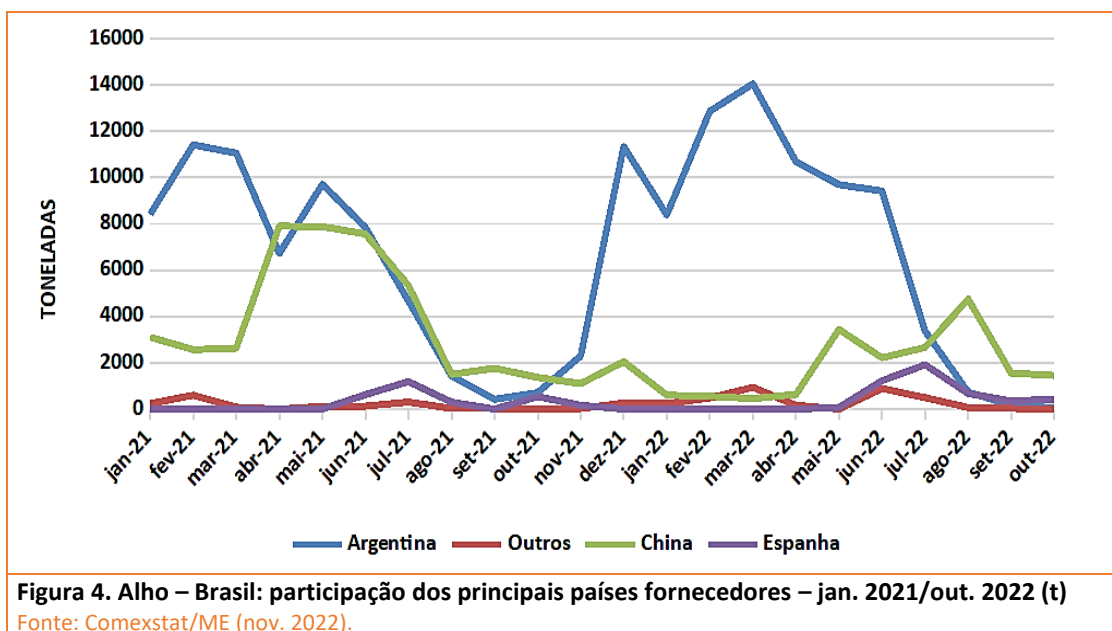


Figura 4. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores – jan. 2021/out. 2022 (t)
Fonte: Comexstat/ME (nov. 2022).

Considerando a importância da cultura do alho para Santa Catarina e a publicação da Portaria do Mapa nº435/2022, que deve contribuir para a melhoria da competitividade dessa cultura, é primordial que o estado aproveite a oportunidade e desenvolva um plano de apoio à cultura em favor dos milhares de famílias que têm na atividade importante fonte de renda. Neste sentido, mantemos o registro das demandas pautadas pela cadeia produtiva junto à Câmara Técnica do Alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, realizada em 15/12/2021. Diante da queda dos preços internacionais, agregamos a pauta estadual da cadeia produtiva da cultura, cada vez mais importante na conjuntura atual, pelas razões abaixo listadas:

- maior rigor do estado na fiscalização nas fronteiras quando da entrada do produto importado, exigindo o cumprimento das normas do Mercosul;
- maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do alho-roxo do planalto catarinense;
- melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) à pesquisa sobre a cultura, com financiamentos para a produção e a aquisição de sementes de qualidade superior e livres de vírus;
- estruturação do programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

A pauta apresentada pela Câmara Setorial é o piso de um conjunto de iniciativas e ações que a cadeia produtiva espera para manter a produção de alho economicamente competitiva e viável no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Os produtores catarinenses de cebola, de forma geral, conseguiram manter o padrão tecnológico das lavouras e a estabilidade na área plantada no estado, apesar da elevação dos custos de produção. Por outro lado, as condições climáticas dos últimos meses, com temperaturas baixas por períodos prolongados, provocaram o florescimento de 10% a 15% das plantas nas lavouras, afetando seu desempenho produtivo no estado.

Preços e mercado

No mês de outubro, o mercado nacional foi abastecido pelas regiões centrais e nordestinas do País. A redução da área plantada nessas regiões, puxada pela elevação do custo de produção, contribuiu para a menor oferta do produto ao mercado nos últimos meses, impactando fortemente, e de forma geral, os preços ao consumidor.

Na Ceagesp/SP, o mês de outubro se iniciou com preço de R\$4,90/kg para a cebola-nacional média, aumento de 14,21% em relação ao início do mês de setembro, quando era de R\$4,29/kg, reflexo da menor oferta do produto.

O mês de novembro se iniciou com tendência de baixa oferta no mercado, com novos aumentos no preço da hortaliça. Assim, no dia 7/11/22, a cotação da cebola-nacional média foi de R\$6,99/kg, aumento de 42,65% em relação à do início do mês de outubro.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de outubro se iniciou com preço no atacado a R\$4,25/kg, o mesmo do início do mês de setembro. A partir do dia 7/10/22, porém, o mercado reagiu em função da baixa oferta e o preço passou a R\$4,75/kg. Com a baixa oferta, as cotações se mantiveram em alta, fechando o mês de outubro a R\$5,50/kg. Pela mesma tendência de mercado de baixa oferta, as primeiras semanas de novembro foram de cotações recordes para a hortaliça e passaram a R\$7,50/kg.

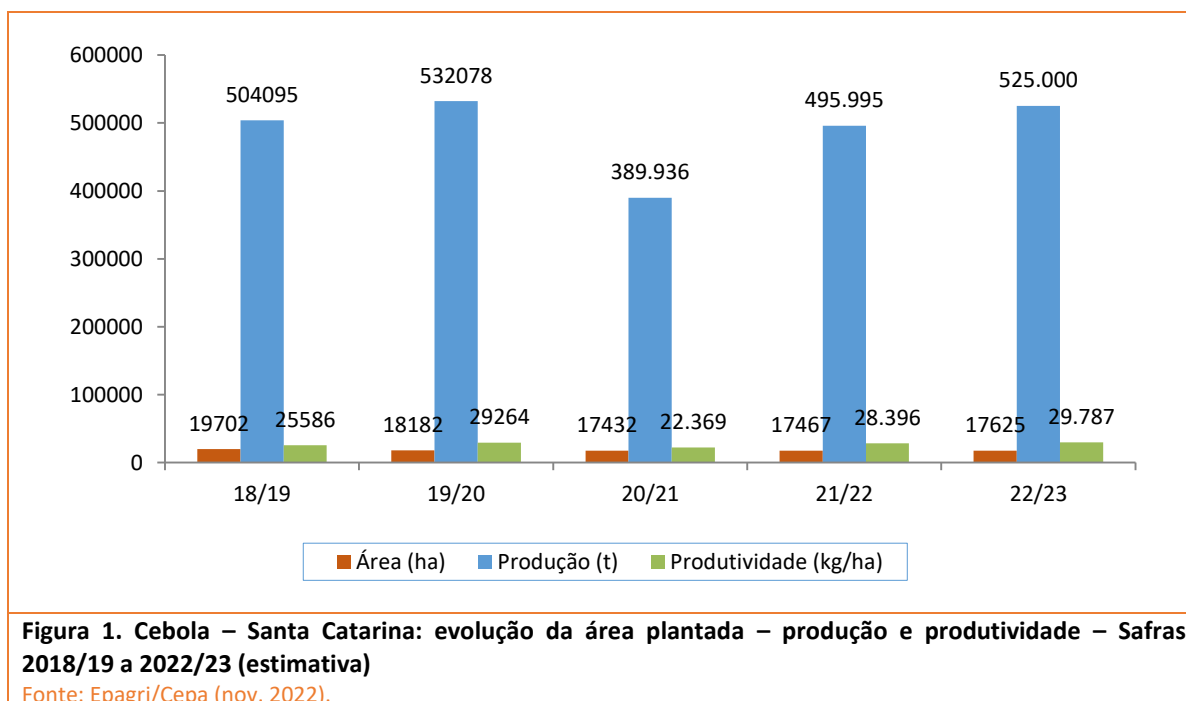
Safra catarinense

O desenvolvimento das lavouras, de modo geral, é considerado bom, apesar das condições climáticas dos últimos meses, que foram de nebulosidade e temperaturas abaixo da média para o período, afetando a fisiologia das plantas, tendo como consequência o florescimento de plantas, o que é indesejável para a produção de bulbos de qualidade. As perdas de produção provocadas pelas condições acima referidas ainda são desconhecidas; estima-se, porém, que o florescimento afete entre 10% e 15% das plantas.

Na região de Ituporanga, maior produtora da hortaliça no estado, a colheita das variedades superprecoces está sendo realizada com comercialização imediata, em função da forte ação dos compradores e da baixa oferta do produto no mercado. Estima-se que aproximadamente 5% da área plantada já tenha sido colhida.

Conforme o acompanhamento sistemático do Projeto Safras da Epagri/Cepa, os dados consolidados da safra catarinense de cebola fecharam com uma área plantada de 17.625 ha. A microrregião de Ituporanga é a de maior produção no estado, com 8.198 ha, responsável por 46,51% da área plantada, seguida pela microrregião do Tabuleiro, com 3.180 ha, o equivalente a 18,04% da área. A microrregião de Joaçaba desponta com a terceira posição, com 1.832 ha, ou 10,39%, e a microrregião de Rio do Sul, com 1.545 ha, significando 8,76% da área plantada no estado. As demais microrregiões (Tijucas, Canoinhas e Campos de Lages) somam 2.870 ha, perfazendo 16,83% da área plantada com a hortaliça.

Na figura abaixo, apresenta-se a evolução da cultura no estado em termos de área plantada, produção e produtividade, consagrando Santa Catarina como o seu maior produtor nacional (Figura 1).



Importação

De janeiro a outubro deste ano, o Brasil importou 134.138 toneladas de cebola, o que corresponde a um aumento de 16,23% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram importadas 115.400 toneladas (Tabela 1). Em função da baixa oferta mundial da hortaliça, as importações mantêm-se com baixos volumes e preços elevados, favorecendo os produtores catarinenses e sul-brasileiros.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2019 a junho de 2022 (t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.220	29.179	30.254	53.043	12.237	144,02	130	1.944	3.319	-	-	134.138

Fonte: ComexStat/ME (nov. 2022).

Apresentamos, na tabela 2, os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e no período de janeiro a outubro de 2022, contendo os respectivos volumes (t) e valores em US\$ (FOB).

Em 2021, das 116,9 mil toneladas importadas de cebola, 98,65 mil vieram da Argentina, o que representa 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US\$0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US\$25,77 milhões (FOB).

Em 2022, o volume importado até o mês de outubro foi de 134.138 toneladas, sendo a Argentina o principal fornecedor, seguida pelo Chile. O preço médio desse ano é de US\$0,25/kg (FOB) - aumento de 13,63% em relação ao preço médio do ano passado.

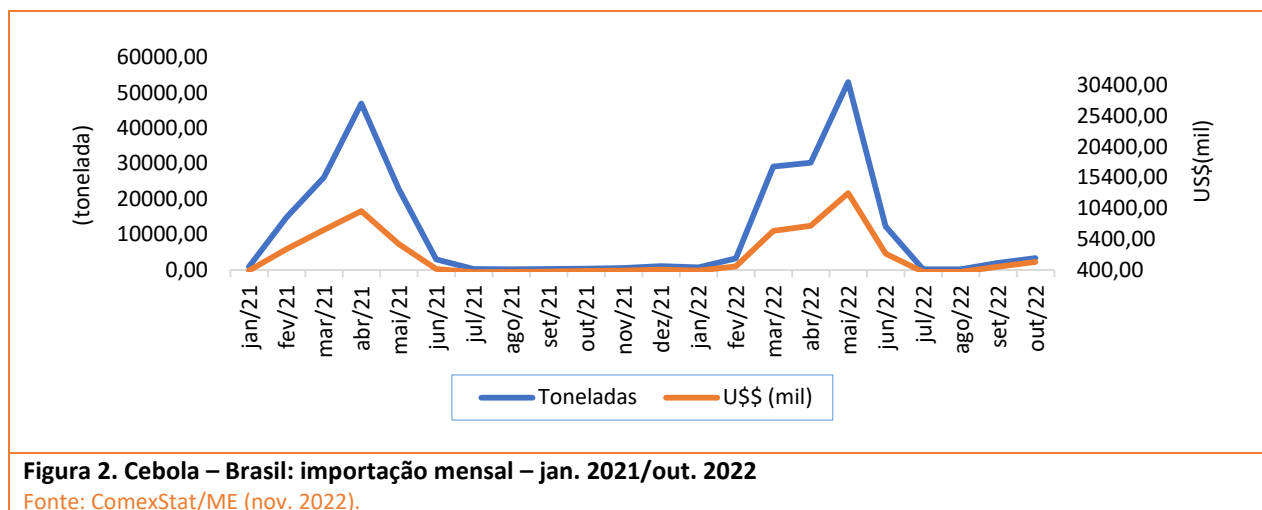
Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2021 e 2022 ⁽¹⁾

Países	2021		2022 ⁽¹⁾	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	19.588,24	98.789
Chile	2.888,34	7.155	10.143,06	24.935
Países Baixos	3.161,48	8.767	2.404,90	6.145
Espanha	409,52	2.008	1.989,44	4.169
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0
Peru	10,00	24	6,25	50,0
Estados Unidos	0,00	0,00	15,45	50,0
Total	25.774,83	116.961,00	34.147,34	134.138

⁽¹⁾ Valores até outubro de 2022.

Fonte: ComexStat/ME (nov. 2022).

Em outubro, 3,31 mil toneladas da hortaliça foram importadas, o maior volume para o mês nos últimos três anos. O desembolso foi de US\$1,67 milhão, como pode ser visto no gráfico de comportamento das importações de cebola pelo Brasil (Figura 2).



Com relação à origem, os países fornecedores da hortaliça no mês de outubro foram a Espanha, com 1.992,27 toneladas, respondendo por 60,02% do volume, e os Países Baixos, com 1.326,8 toneladas, ou 39,98% do volume total.

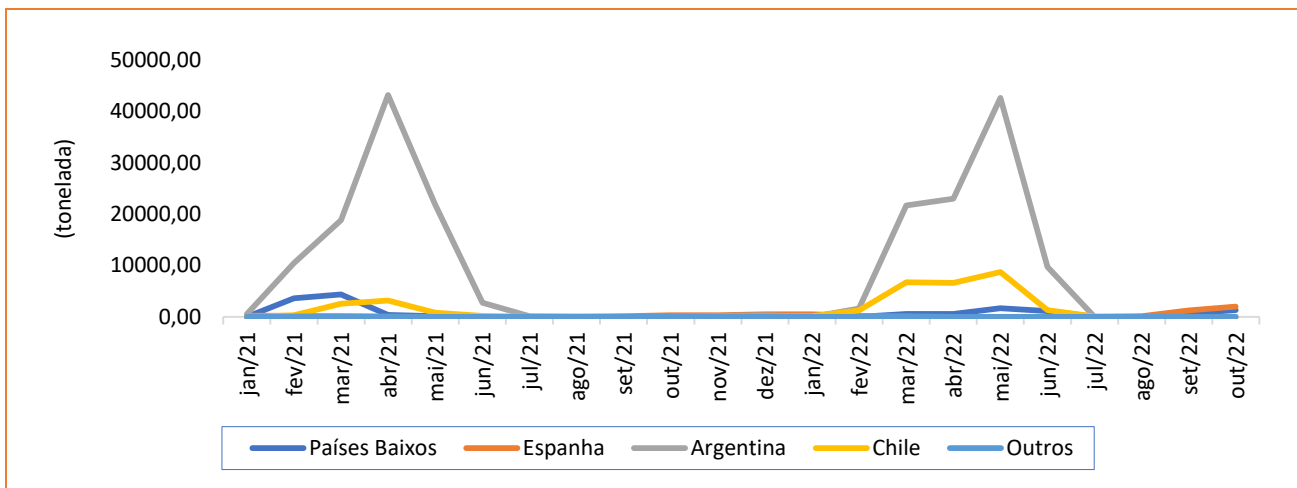


Figura 3. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan. 2021/out. 2022

Fonte: ComexStat/ME (nov./2022).

Conforme o acompanhamento sistemático do Projeto Safras da Epagri/Cepa, no mês de outubro e nas primeiras semanas de novembro, a safra catarinense de cebola, mesmo enfrentando alguns problemas provocados pelas condições climáticas, pode ser considerada, até o momento, normal do ponto de vista do volume produzido e da qualidade dos bulbos.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como já observado em outubro, nas três primeiras semanas de novembro os preços do frango vivo apresentaram quedas nos dois principais estados produtores: -0,9% no Paraná e -0,1% em Santa Catarina. Quando se comparam os valores atuais com os de novembro de 2021, as situações são bem distintas: variação de 14,1% em Santa Catarina e de -11,6% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 6,5%, segundo o IPCA/IBGE.

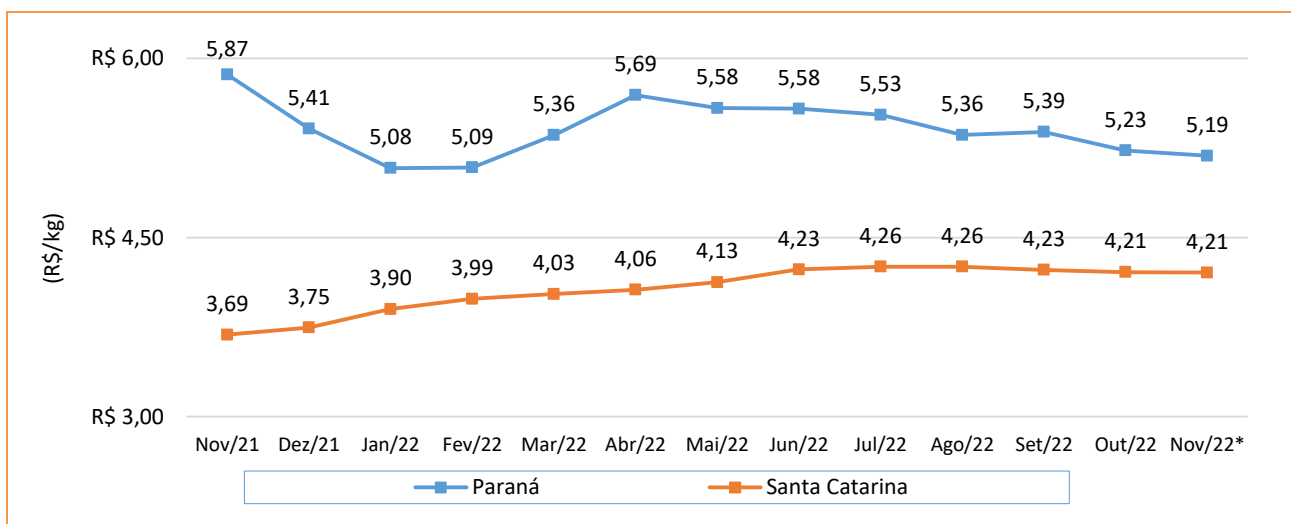


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)⁽¹⁾

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, os preços mantiveram-se inalterados entre outubro e as primeiras semanas de novembro em duas praças estaduais de levantamento de informações: Joaçaba e o sul catarinense. Em Chapecó, por outro lado, observou-se leve queda de 0,2% no período. Na comparação com novembro de 2021, observam-se variações positivas em todos os casos: 22,4% no sul catarinense; 11,3% em Chapecó e 7,1% em Joaçaba.

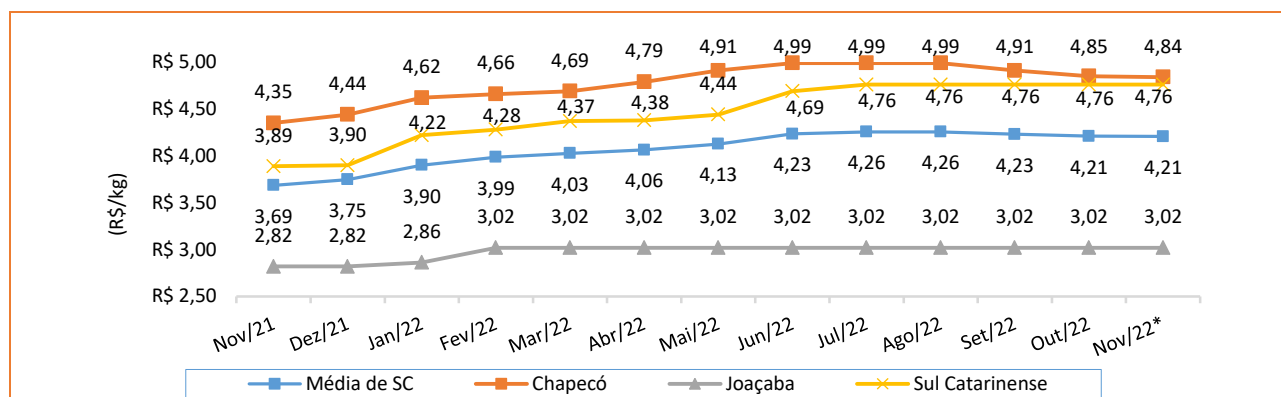


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)⁽¹⁾

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas três primeiras semanas de novembro, na comparação com as médias do mês anterior, os preços de atacado da carne de frango apresentaram predominância de quedas: -6,3% para o peito com osso; -4,8% para o filé de peito e -1,1% para o frango inteiro. O único corte a apresentar variação positiva foi a coxa/sobrecoxa, com leve alta de 0,1%. A variação média dos quatro cortes foi de -3,0%.

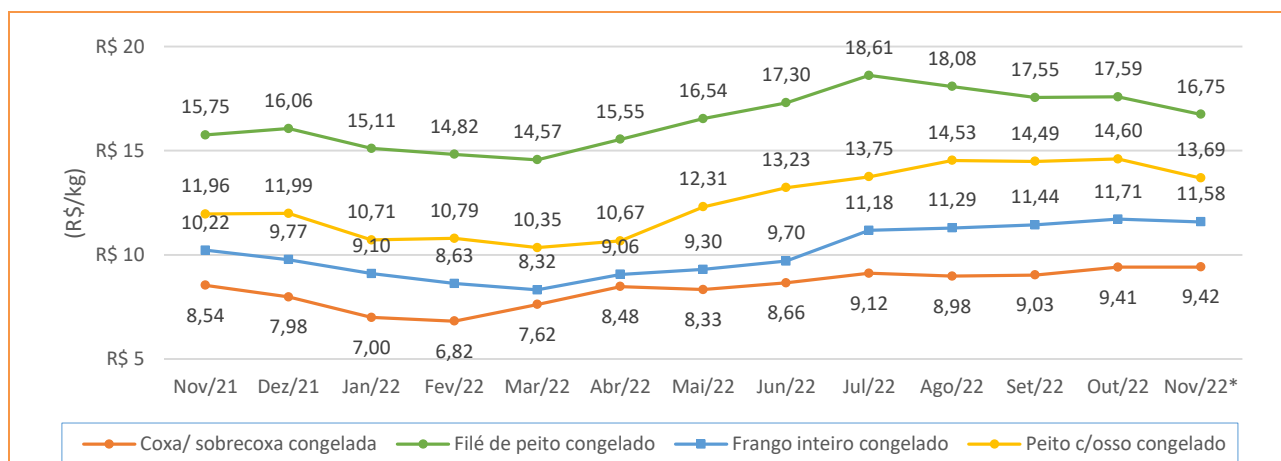


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – Preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essas quedas são devidas tanto ao aumento da oferta de carne de frango, como veremos no tópico “Produção”, quanto à baixa liquidez do mercado interno, em razão da descapitalização de parcela significativa dos consumidores.

Na comparação entre os preços preliminares de novembro e os do mesmo mês de 2021, por outro lado, todos os cortes apresentaram variações positivas: 14,4% para o peito com osso; 13,3% para o frango inteiro; 10,2% para a coxa/sobrecoxa e 6,3% para o filé de peito. A variação média dos quatro cortes foi de 11,1%.

Custos

Em outubro, o custo de produção do frango em aviário climatizado (pressão positiva) em Santa Catarina foi de R\$5,86/Kg de peso vivo, segundo a Embrapa Suínos e Aves, o que representa alta de 0,2% em relação ao mês anterior. O Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), por sua vez, apresenta altas de 5,3% no acumulado do ano e de 5,4% nos últimos 12 meses.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 0,8% nas três primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior. Essa variação é resultante da queda no preço do milho em Chapecó (-1,0%), parcialmente anulada pela queda de 0,2% no preço do frango vivo na mesma praça, o que tornou a troca entre os dois produtos levemente melhor para o avicultor. O valor atual dessa relação de troca está 11,4% abaixo do que foi registrado em novembro de 2021.

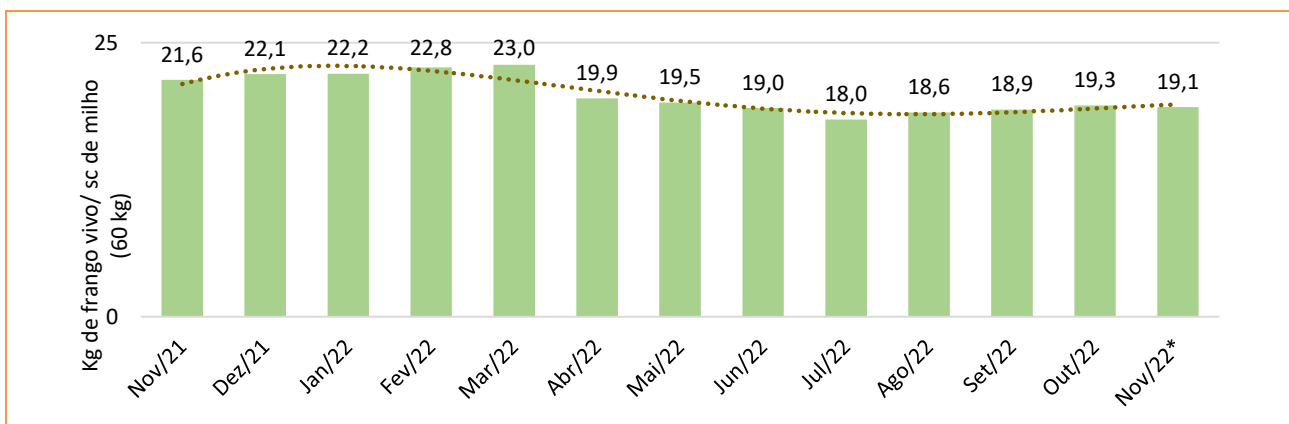


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó/SC.

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **381,22 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **0,7%** tanto em relação às exportações do mês anterior, quanto na comparação com as de outubro de 2021. As receitas foram de **US\$ 804,67 milhões**, queda de **0,6%** em relação a setembro, mas alta de **15,0%** na comparação com outubro de 2021.

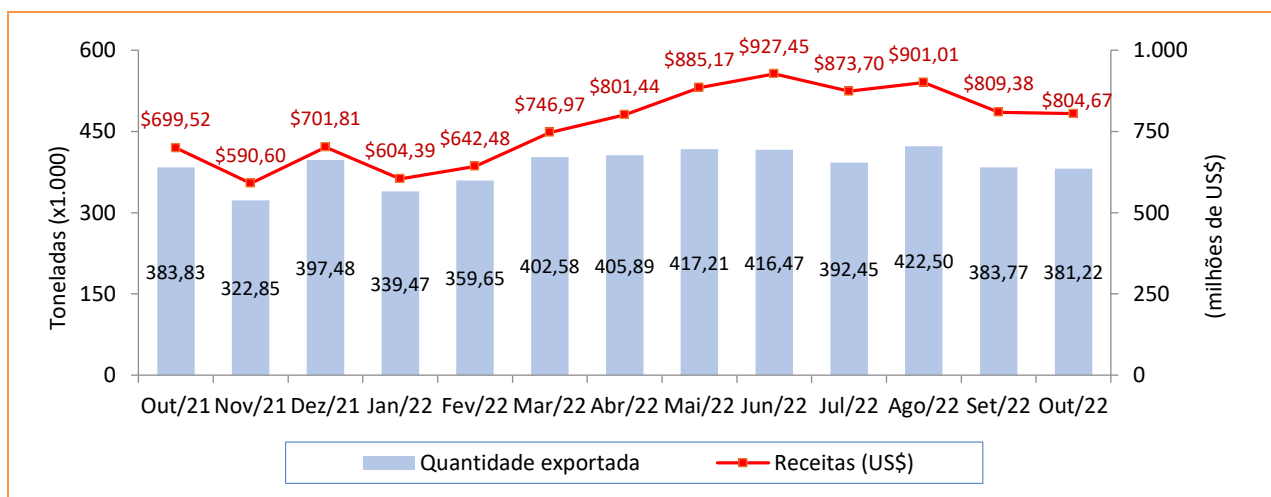


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No acumulado do ano (janeiro a outubro), o Brasil exportou **3,92 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$8,00 bilhões**, altas de **4,6%** e **29,1%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **80,47 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em outubro, queda de **0,5%** em relação às exportações do mês anterior e de **11,5%** na comparação com as de outubro de 2021. As receitas foram de **US\$181,94 milhões**, alta de **3,3%** em relação às do mês anterior e de **5,8%** na comparação com as de outubro de 2021.

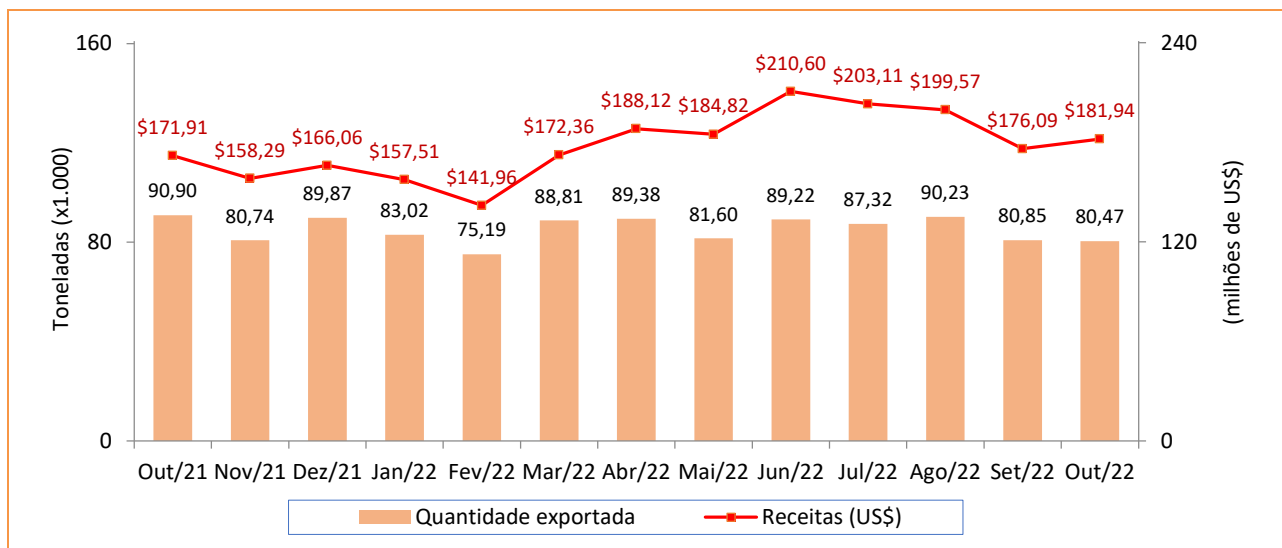


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em julho foi de **US\$2.193,79/t**, alta de **3,1%** em relação ao mês anterior e de **20,9%** na comparação com o de outubro de 2021.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou **846,10 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,82 bilhão**, variações de **-1,0%** e **19,9%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **22,7%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango neste ano.

A figura 7 apresenta a participação dos principais destinos no valor das exportações deste ano.

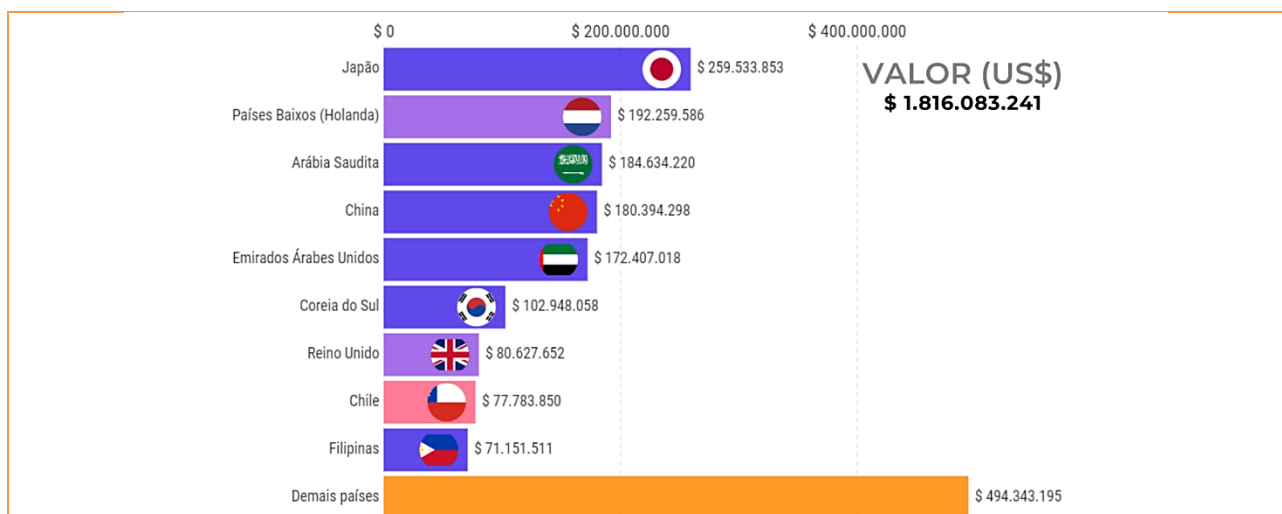


Figura 7. Carne de frango – Santa Catarina: participação dos principais destinos nas receitas das exportações – jan./out. 2022

Fonte: Comex Stat.

Os cinco principais destinos registraram aumento nas receitas das exportações de janeiro a outubro de 2022 em relação ao mesmo período do ano passado, com destaque para os Países Baixos (25,2%), a Arábia Saudita (25,1%) e os Emirados Árabes Unidos (19,7%). Quanto às quantidades embarcadas, predominaram as quedas em relação aos cinco principais destinos, com destaque para o Japão (-12,9%) e a China (-10,9%).

Produção

Segundo os dados preliminares divulgados pelo IBGE, no 3º trimestre de 2022 foi abatido 1,55 bilhão de frangos no Brasil. Este resultado representa alta de 0,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e aumento de 3,1% na comparação com o 2º trimestre de 2022.

O peso das carcaças das aves abatidas no 3º trimestre deste ano foi de 3,73 milhões de toneladas, acréscimo de 2,2%, tanto em relação ao 3º trimestre de 2021, quanto ao 2º trimestre de 2022.

Influenza aviária

Após a detecção de casos de influenza aviária na Colômbia, em outubro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgou um comunicado reforçando a importância da prevenção e ressaltando a responsabilidade de toda a cadeia produtiva da avicultura em manter longe a doença, que nunca foi detectada no território brasileiro. Vale destacar que esse problema foi detectado em aves silvestres migratórias, não tendo, ao menos por enquanto, atingido aviários comerciais naquele país.

Posteriormente, em meados de novembro, o Serviço Nacional de Sanidade Agrária do Peru (Senasa) confirmou a presença de um surto de influenza aviária altamente patogênica em aves marinhas (pelicanos) no departamento de Piura. A difusão do vírus por outros países da América do Sul amplia ainda mais a necessidade de se intensificar a vigilância no Brasil, em especial nos principais estados produtores.

Além do risco sanitário, de possíveis perdas severas na produção, a ocorrência de influenza aviária, também chamada de gripe aviária, representa um risco comercial para o país em que o foco da doença é identificado, pois pode implicar a suspensão de contratos de exportação e consequente perda de relevantes mercados.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas três primeiras semanas de novembro, quando comparados com os de outubro, os preços do boi gordo apresentaram quedas em todos os principais estados produtores: -4,3% no Mato Grosso do Sul; -3,7% no Mato Grosso; -3,3% em Minas Gerais; -3,1% em Goiás; -2,4% em São Paulo; -2,3% no Paraná; -1,7% em Santa Catarina e -0,9% no Rio Grande do Sul.

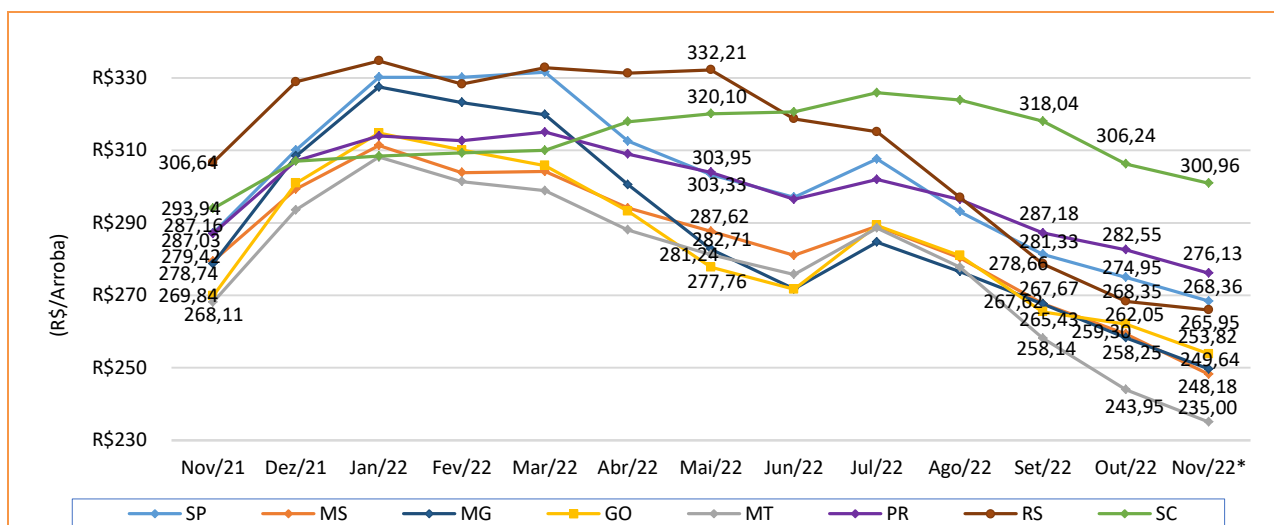


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro.

Na comparação entre os preços atuais e os de novembro de 2021, verifica-se predominância de variações negativas: -13,3% no Rio Grande do Sul; -12,3% no Mato Grosso; -11,2% no Mato Grosso do Sul; -10,4% em Minas Gerais; -6,5% em São Paulo; -5,9% em Goiás e -3,8% no Paraná. Por outro lado, alta de 2,4% é registrada em Santa Catarina. É importante destacar que as variações levam em consideração os valores nominais. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 6,5%, o que significa, em termos de valores corrigidos, que variações negativas são observadas em todos os estados, com índices bastante acentuados em alguns casos.

Em Santa Catarina, observaram-se movimentos distintos nas duas praças de referência para o preço do boi gordo: alta de 0,2% em Chapecó, na comparação entre as primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior e queda de 5,0% em Lages. Na comparação com o preço do boi gordo de novembro de 2021, os movimentos são semelhantes: 9,6% em Chapecó e -5,0% em Lages.

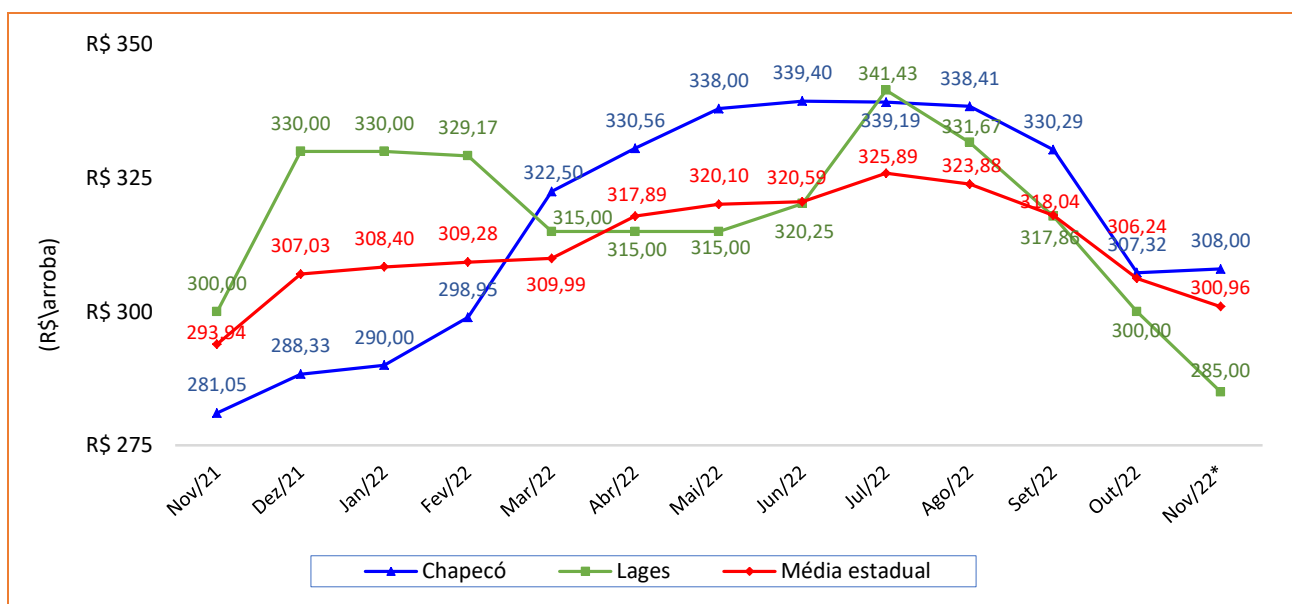


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Dando sequência ao movimento iniciado em agosto, nas três primeiras semanas de novembro, os preços de atacado da carne bovina apresentaram quedas em relação aos do mês anterior: -0,8% na carne de dianteiro e -0,7% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -0,8%.

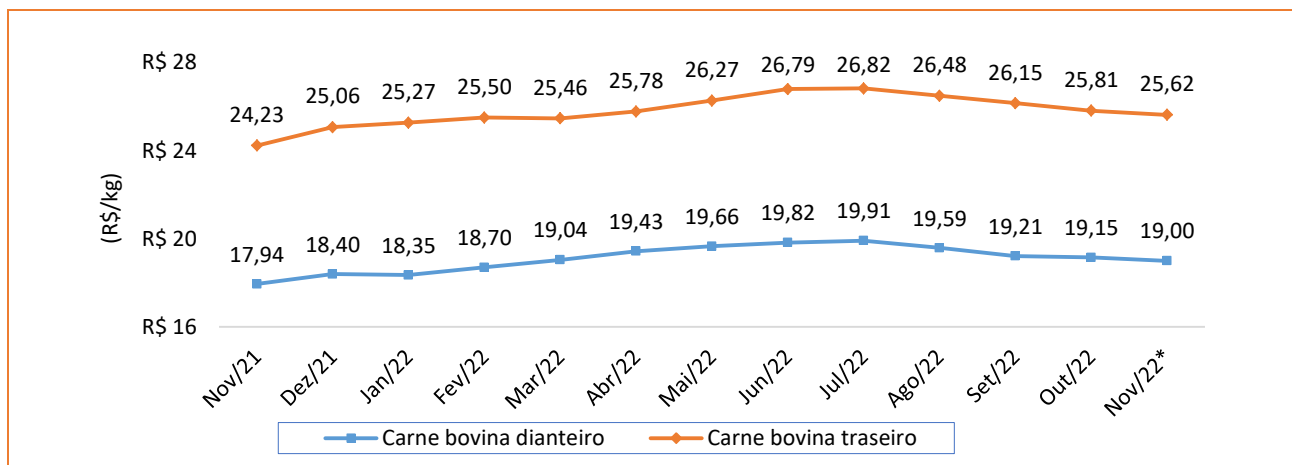


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com os de novembro de 2021, observam-se altas de 5,9% para a carne de dianteiro e de 5,7% para a carne de traseiro, com média de 5,8%. Vale destacar que essas variações dizem respeito aos preços nominais, sendo necessário considerar a inflação do período.

Custos

Nas três primeiras semanas de novembro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram quedas em relação ao mês anterior: -2,3% para os bezerros de até 1 ano e -2,2% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com novembro de 2021, o preço médio dos bezerros apresentou alta de 14,4%, enquanto o preço dos novilhos aumentou 3,4%.

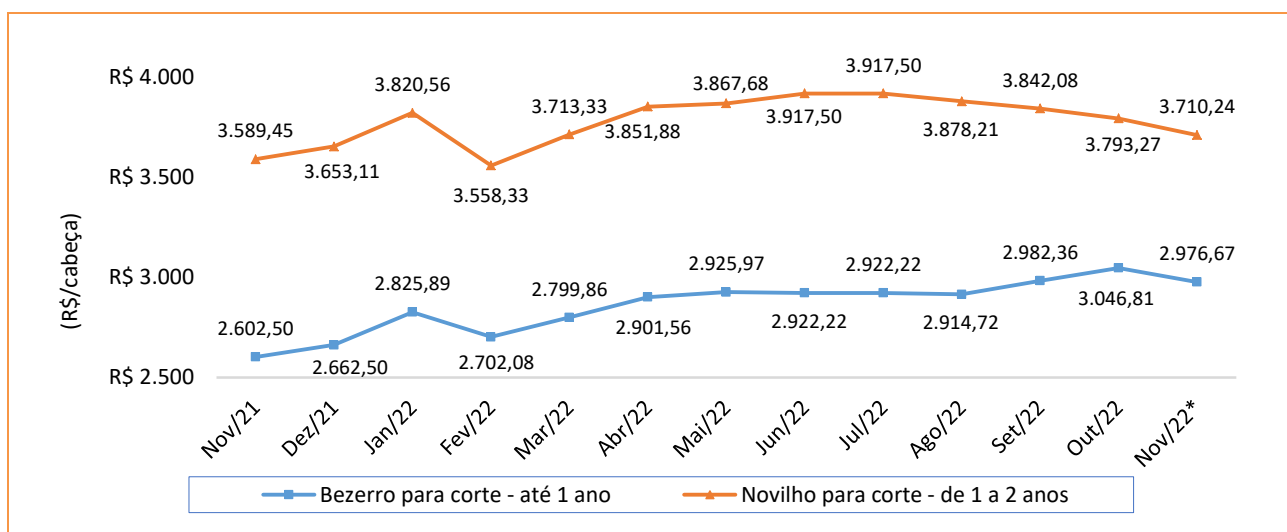


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **211,84 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **7,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **96,4%** na comparação com o mesmo mês de 2021. As receitas foram de **US\$1,19 bilhão**, queda de **9,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **121,0%** na comparação com outubro de 2021. É importante lembrar que em setembro foi registrado o melhor resultado mensal desde o início da série histórica, o que justifica as variações negativas do mês corrente em relação ao anterior. Por outro lado, em outubro de 2021 foram suspensas as importações de carne bovina por parte da China, após a identificação de dois casos de encefalopatia espongiforme bovina no Brasil, o que prejudicou drasticamente os embarques do último trimestre do ano passado.

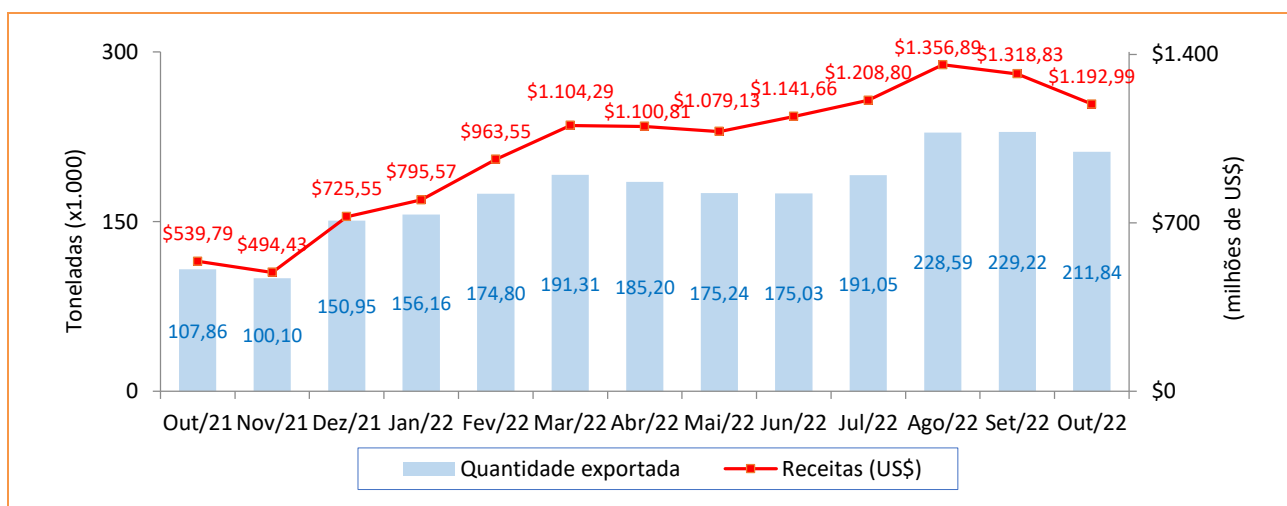


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em agosto foi de **US\$5.852,28/t**, queda de **2,5%** em relação ao valor da exportada no mês anterior, mas **13,3%** acima da de outubro de 2021.

No acumulado de janeiro a outubro, o Brasil exportou **1,92 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$11,07 bilhões** em receitas, altas de 20,3% em volume e de 41,1% em receitas na comparação com o mesmo período de 2021. China e Hong Kong responderam por 64,4% das receitas.

Santa Catarina exportou **107 toneladas** de carne bovina em outubro, com faturamento de **US\$239,81 mil**, quedas de 34,6% e de 61,1%, respectivamente, em relação ao mesmo mês de 2021. Na somatória dos embarques deste ano, Santa Catarina exportou **1,77 mil toneladas**, com faturamento de **US\$7,20 milhões**, quedas, em relação ao mesmo período do ano anterior, de 32,5% e 27,7%, respectivamente.

Produção

Segundo os dados preliminares divulgados pelo IBGE, no 3º trimestre de 2022 foram abatidos 7,81 milhões de bovinos no Brasil. Esse resultado representa alta de 11,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e aumento de 5,8% na comparação com o 2º trimestre de 2022.

O peso das carcaças dos bovinos abatidos no 3º trimestre deste ano foi de 2,12 milhões de toneladas, acréscimo de 11,1% em relação ao 3º trimestre de 2021 e de 9,2% na comparação com o 2º trimestre de 2022.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas três primeiras semanas de novembro, as cotações do suíno vivo apresentaram movimentos distintos em relação ao mês anterior nos principais estados produtores, conforme evidencia a figura 1.

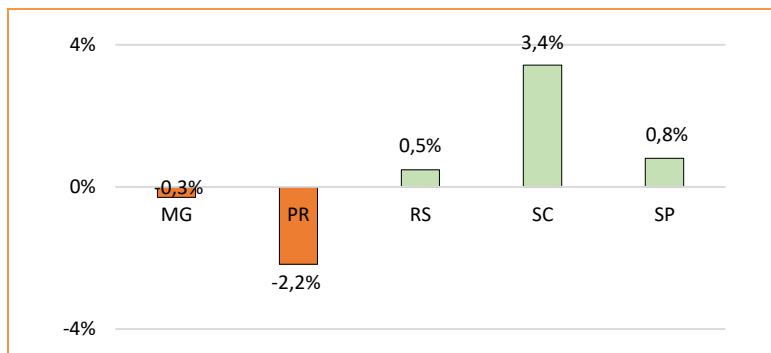


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (out./nov. 2022*)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Quando se comparam os preços atuais com os de novembro de 2021, predominam as variações positivas: 10,7% no Rio Grande do Sul; 5,0% no Paraná; 3,4% em São Paulo e 1,7% em Minas Gerais. Somente Santa Catarina registrou variação negativa no período; ainda assim, pouco expressiva: -0,9%. Ressalta-se que essas variações dizem respeito aos valores nominais e que a inflação acumulada nos últimos 12 meses, segundo o IPCA/IBGE, foi de 6,5%. Ou seja, considerando a inflação,

variações negativas são observadas na maioria dos estados analisados.

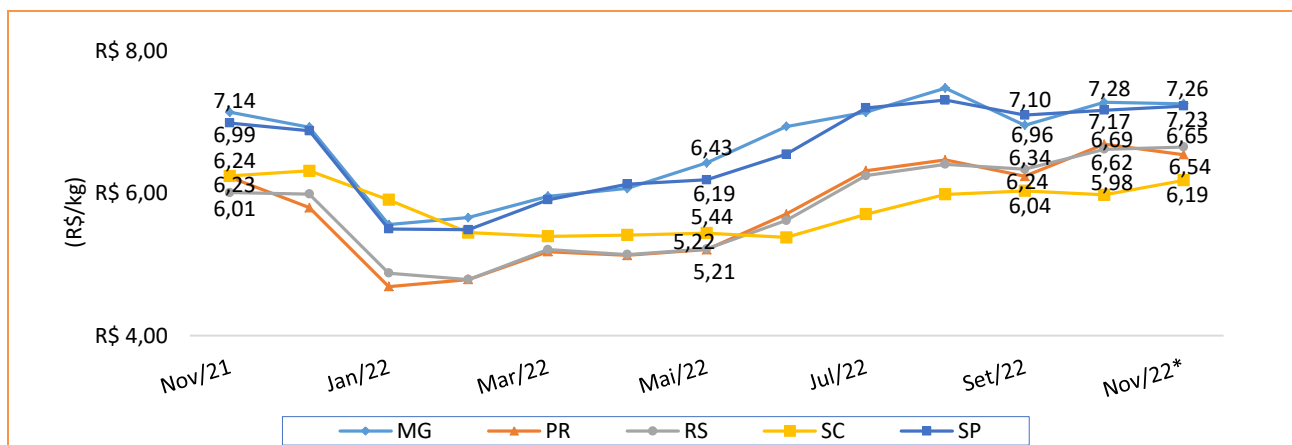


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

A gradativa desaceleração no ritmo de produção, principalmente pela elevação dos custos de produção ao longo dos últimos dois anos, tem contribuído para a estabilidade dos preços, com leve tendência de alta, observada desde o 1º trimestre deste ano.

Os valores do suíno vivo na praça de referência de Chapecó apresentaram altas nas primeiras semanas de novembro na comparação com o mês anterior: 6,0% para o produtor independente e 3,8% para o integrado. Na comparação com os de novembro de 2021, os preços apresentaram movimentos distintos, de acordo com o tipo de produtor: alta de 0,9% para os independentes e queda de 3,5% para os integrados.

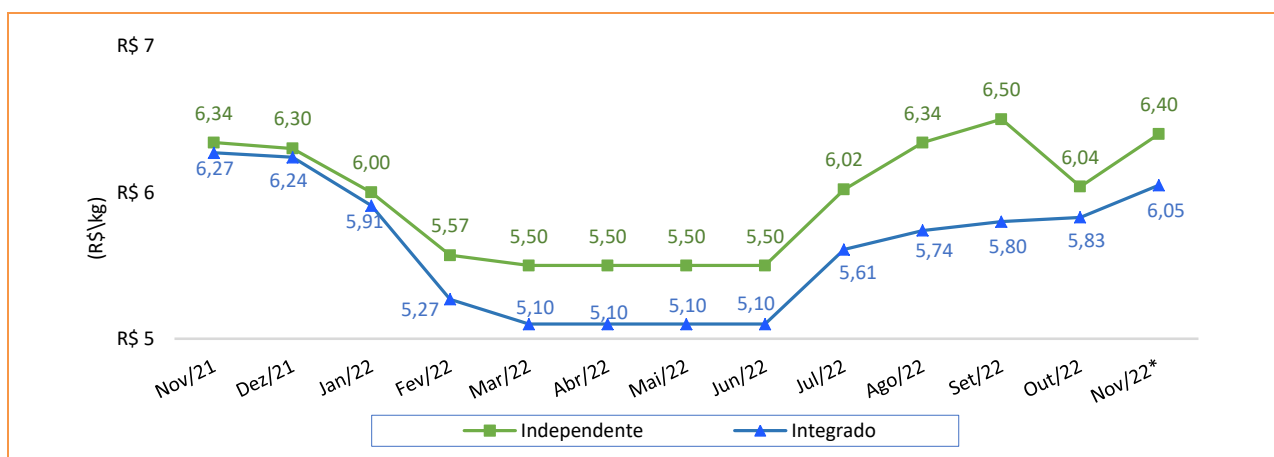


Figura 3 - Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para o produtor independente e o produtor integrado

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos distintos nas três primeiras semanas de novembro em relação a setembro, de acordo com o tipo de corte, com predominância de altas. Foram registradas variações positivas em três cortes: pernil, 4,5%; costela, 1,2% e lombo, 1,0%. Por outro lado, dois cortes apresentaram variações negativas: carcaça, -1,6% e carré, -0,4%. A variação média dos cinco cortes foi de 1,0%. No acumulado do ano, verifica-se alta de 0,5%.

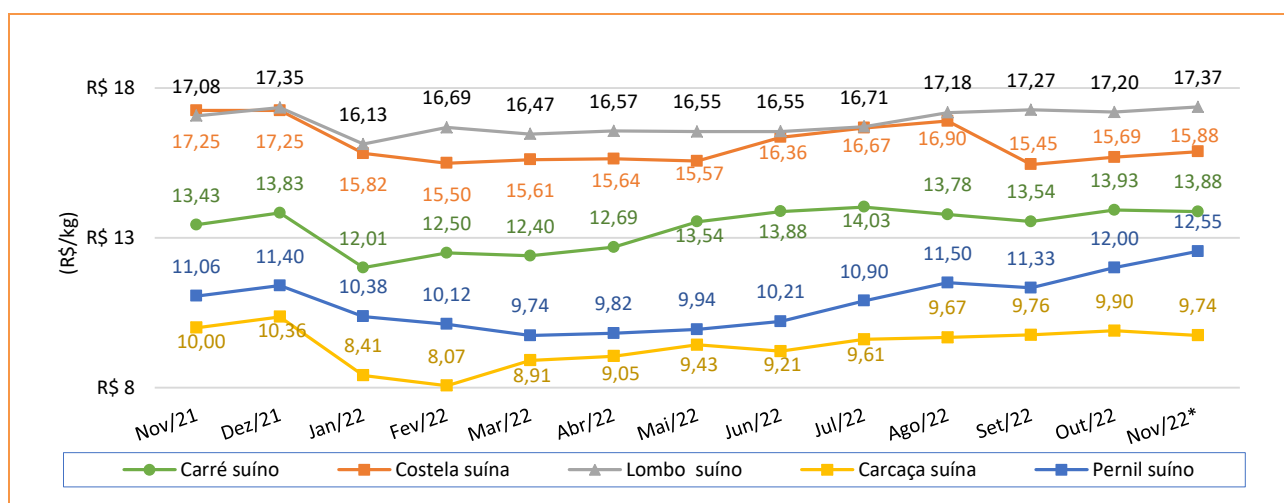


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Ao comparar os valores preliminares atuais com os de novembro de 2021, observam-se situações bastante distintas, de acordo com o corte: pernil, 13,5%; carré, 3,3%; lombo, 1,7%; carcaça, -2,6% e costela, -8,0%. Na média dos cinco cortes, registrou-se alta de 1,6%. Vale destacar que essas variações dizem respeito aos valores nominais, sendo necessário considerar a inflação do período.

Custos

Segundo cálculos da Embrapa Suínos e Aves, em outubro, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,85/kg de peso vivo, alta de 0,6% em relação ao mês anterior. No ano, o Índice de Custo de Produção de Suínos (ICPSuíno) acumula alta de 12,2%, enquanto, nos últimos 12 meses, a variação foi de 15,4%.

Nas três primeiras semanas de novembro, os preços dos leitões apresentaram alta de 3,1% em relação ao mês anterior, tanto para os leitões de 6kg a 10kg, quanto para os leitões de aproximadamente 22kg. Na comparação com novembro de 2021, por outro lado, registraram-se quedas em ambas as categorias: -3,6% para os leitões de 6kg a 10kg e -2,3% para os leitões de aproximadamente 22kg.

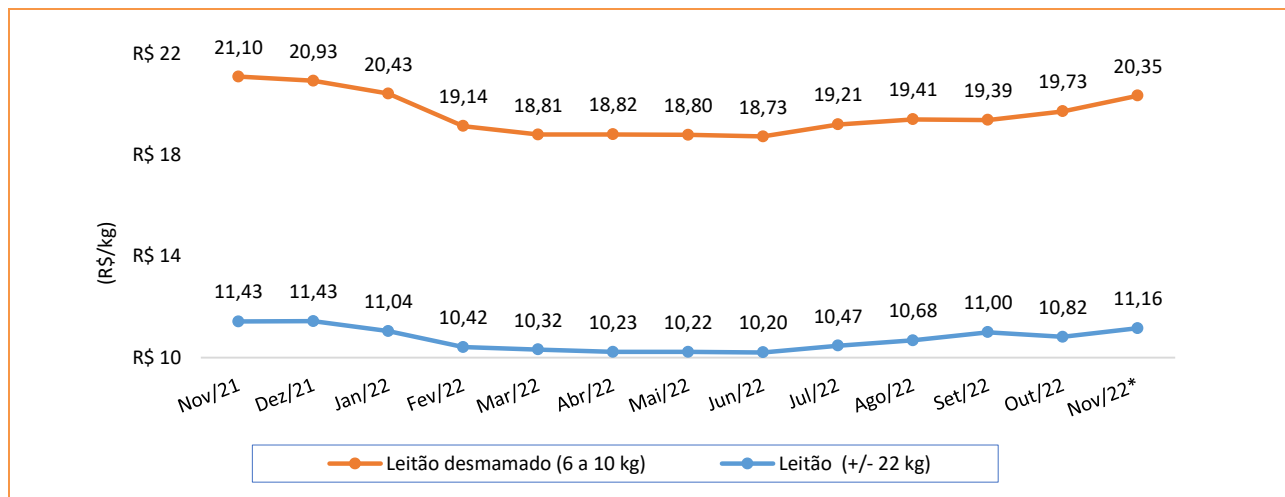


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 5,6% nas primeiras semanas de novembro em relação à do mês anterior. Este resultado é decorrente tanto da alta no preço do suíno vivo em Chapecó (4,9%), quanto da queda no preço do milho na mesma praça (-1,0%), o que significa que o suinocultor necessita, atualmente, de menor quantidade de carne suína para adquirir uma saca de milho. O valor atual da relação de troca está 0,2% abaixo do observado em novembro de 2021.

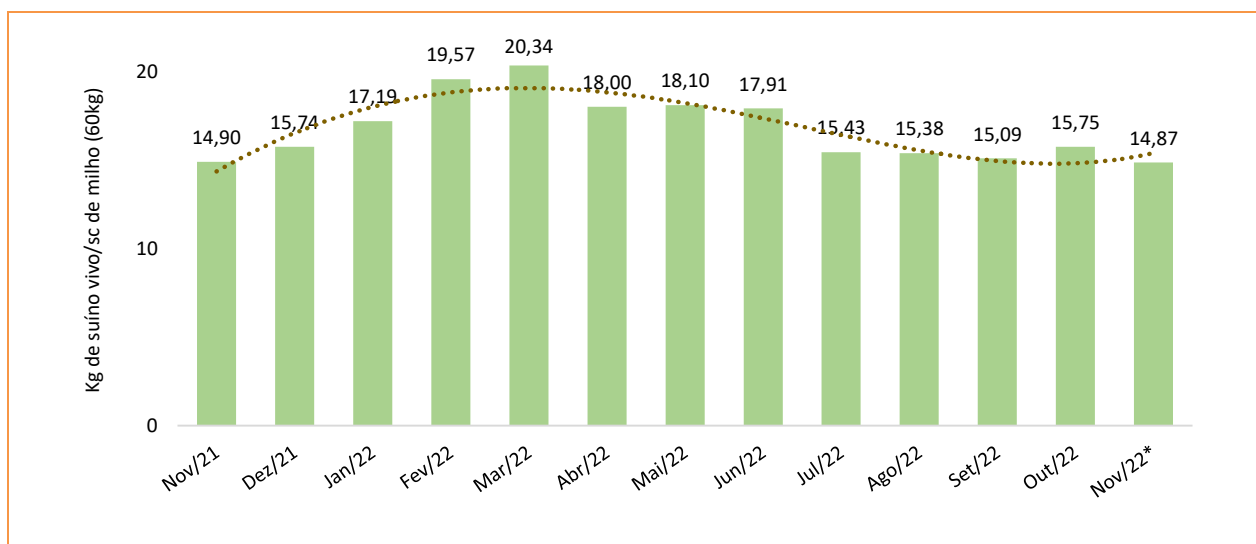


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60 kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

* Os valores de novembro de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 18 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **96,98 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), quedas de **4,0%** em relação às exportações do mês anterior, e de **0,4%** na comparação com as de outubro de 2021. As receitas foram de **US\$234,82 milhões**, o que representa uma queda de **2,8%** em relação às de setembro, e uma diferença de **8,8%** para mais na comparação com as do mesmo mês de 2021.

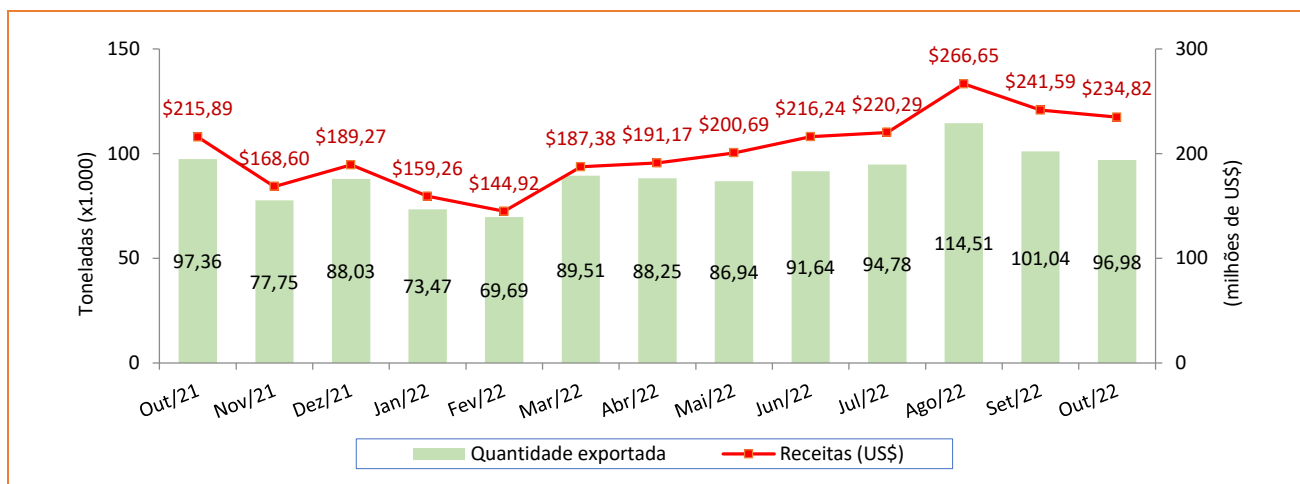


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No acumulado do ano, o Brasil exportou **906,81 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,06 bilhões**. Na comparação com o mesmo período de 2021, quedas de 4,8% em quantidade e de 8,7% em valor, respectivamente.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **51,58 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em outubro, queda de **3,8%** em relação às exportações do mês anterior, mas alta de **0,4%** na comparação com as de outubro de 2021. As receitas foram de **US\$129,74 milhões**, queda de **1,5%** em relação às do mês anterior, mas alta de **10,8%** na comparação com as de outubro de 2021.

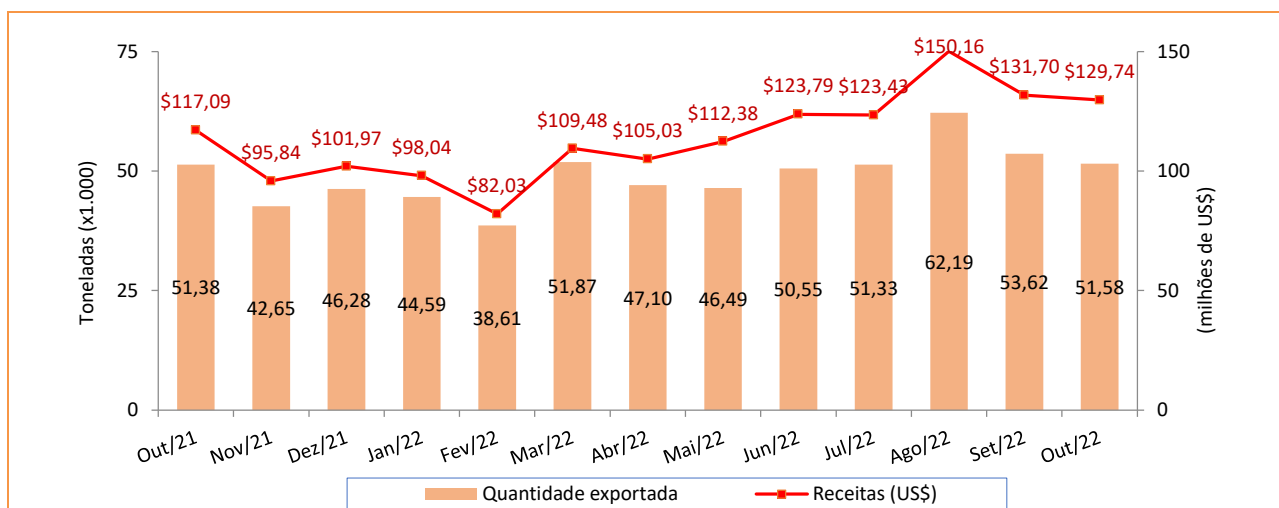


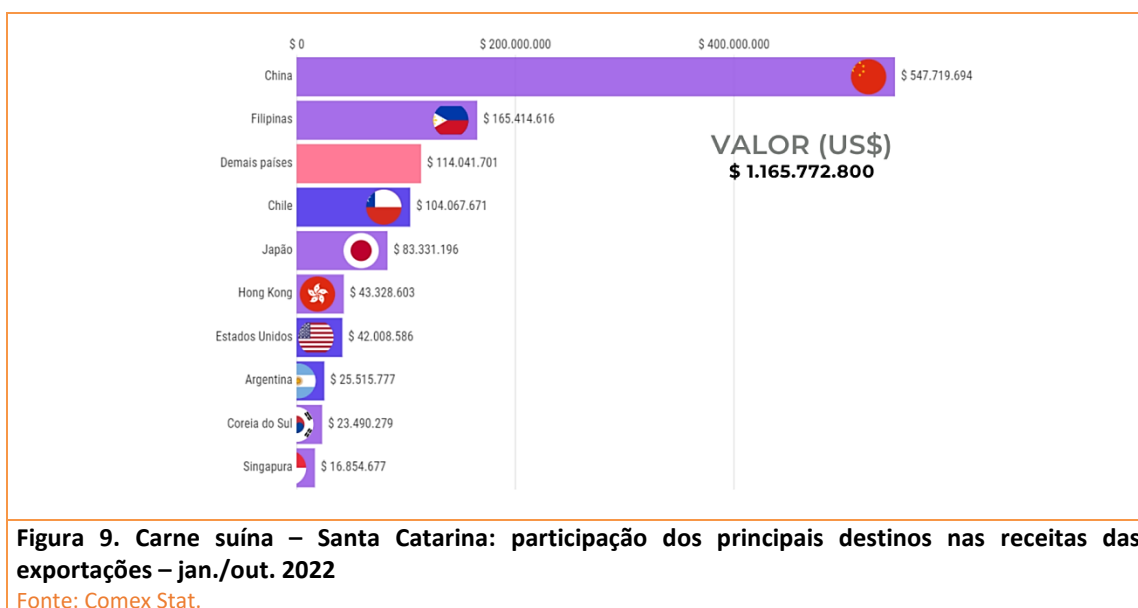
Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina no mês passado foi de **US\$2.539,64/t**, alta de **2,4%** em relação ao do mês anterior e de **9,2%** na comparação com o de outubro de 2021.

No acumulado do ano, o estado exportou **497,93 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,17 bilhão**, alta de 1,7% em quantidade, mas queda de 2,7% em valor, na comparação com o mesmo período de 2021. Santa Catarina respondeu por **56,5%** das receitas e por **54,9%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil neste ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses foram responsáveis por 81,0% das receitas dos primeiros dez meses do ano, com destaque para a China e Hong Kong, que responderam por 50,7% dos embarques do período.



Assim como já havia sido registrado no mês passado, três dos cinco principais destinos – China, Chile e Hong Kong – registraram quedas expressivas nas compras de carne suína catarinense entre janeiro e outubro deste ano, na comparação com as do mesmo período do ano passado: -25,1%, -20,9% e -42,0%, respectivamente. Em parte, essas quedas foram compensadas pelo crescimento das receitas das exportações para outros destinos relevantes, caso das Filipinas (230,8%) e do Japão (81,8%).

Vale destacar que, em meados de novembro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou a liberação dos embarques de carne suína de Santa Catarina para o México. Este país é o terceiro maior importador mundial de carne suína. Em 2021, importou 1,16 milhão de toneladas do produto. A expectativa para este ano é de que as compras atinjam 1,25 milhão de toneladas, valor que se deve repetir em 2023. Atualmente, a principal origem das importações mexicanas de carne suína são os Estados Unidos.

Por enquanto, somente frigoríficos catarinenses estão habilitados a exportar carne suína para o México, já que, por ocasião da formalização do processo junto aos órgãos daquele país, Santa Catarina era o único estado internacionalmente reconhecido como zona livre de febre aftosa sem vacinação, condição necessária à abertura desse mercado. A perspectiva é de que, nos próximos meses, também sejam habilitados frigoríficos do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Produção

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo IBGE, no 3º trimestre de 2022 foram abatidos 14,37 milhões de suínos no Brasil, alta de 4,4% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e aumento de 2,1% na comparação com o 2º trimestre de 2022.

O peso das carcaças dos suínos abatidos no 3º trimestre deste ano foi de 1,33 milhão de toneladas, acréscimo de 3,8% em relação ao 3º trimestre de 2021 e de 1,4% na comparação com o 2º trimestre de 2022.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 11 de novembro, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três meses do terceiro trimestre de 2022. Ao longo de todo o período, foram adquiridos 5,997 bilhões de litros, o que representa uma queda de 3,4% em relação aos 6,207 bilhões de litros adquiridos no terceiro trimestre de 2021. Os meses do terceiro trimestre foram os que tiveram as menores quedas em relação aos mesmos meses de 2021. Ainda assim, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras até setembro de 2022 foi 7% menor do que no mesmo período de 2021 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil						
Mês	Bilhão de litros					Var. %
	2018	2019	2020	2021	2022	2021-22
Janeiro	2,161	2,207	2,272	2,348	2,090	-11,0
Fevereiro	1,890	1,933	2,066	2,051	1,878	-8,4
Março	1,968	2,055	2,109	2,177	1,955	-10,2
Abril	1,873	1,911	1,969	1,946	1,797	-7,7
Mai	1,734	1,975	1,957	1,960	1,830	-6,6
Junho	1,872	1,974	1,949	1,933	1,771	-8,4
Julho	2,036	2,075	2,143	2,040	1,961	-3,9
Agosto	2,120	2,128	2,199	2,088	2,035	-2,5
Setembro	2,100	2,081	2,174	2,079	2,001	-3,8
Até setembro	17,754	18,339	18,838	18,622	17,318	-7,0
Outubro	2,222	2,203	2,236	2,140		
Novembro	2,210	2,186	2,224	2,156		
Dezembro	2,271	2,283	2,343	2,204		
Total anual	24,457	25,011	25,641	25,122		

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Considerados os dez últimos anos (2013-2022), esses 17,318 bilhões de litros adquiridos pelas indústrias no período de janeiro a setembro de 2022 superam apenas as quantidades adquiridas nos mesmos períodos de 2013 e de 2016, com 17,010 bilhões e 16,930 bilhões de litros, respectivamente.

Preços

Na reunião de outubro (dia 26), o Conseleite/SC definiu o preço de referência de setembro e projetou o preço de outubro. Este constitui uma das referências de mercado para o preço que as indústrias pagaram aos produtores de Santa Catarina no mês de novembro. O preço de setembro (R\$2,2304/l) ficou levemente abaixo do que havia sido projetado na reunião anterior (R\$2,2564/l). Embora o preço projetado para outubro (R\$2,1623/l) seja inferior ao de setembro (Tabela 2), a queda pouco expressiva indica que os preços de alguns lácteos no mercado atacadista deixaram de decrescer da maneira tão significativa registrada de julho para agosto e de agosto para setembro.

Tabela 2. Leite padrão – Preço de referência do Conleite de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,2273	1,6020	1,6370	30,5	2,2
Fevereiro	1,2342	1,5218	1,7369	23,3	14,1
Março	1,2974	1,5699	1,9415	21,0	23,7
Abril	1,3192	1,5820	2,1307	19,9	34,7
Mai	1,3091	1,6994	2,1666	29,8	27,5
Junho	1,5176	1,8025	2,4731	18,8	37,2
Julho	1,5588	1,7676	2,9021	13,4	64,2
Agosto	1,7288	1,7950	2,5322	3,8	41,1
Setembro	1,7994	1,7912	2,2304	-0,5	24,5
Outubro	1,7075	1,7031	2,1623	-0,3	27,0
Até outubro	1,4699	1,6835	2,1913	14,5	30,2
Novembro	1,6703	1,6125		-3,5	
Dezembro	1,7121	1,6385		-4,3	
Média	1,5040	1,6745		11,3	

Outubro/2022: Valor projetado.

Fonte: Conleite/SC.

Isto se repetiu nos preços recebidos pelos produtores catarinenses. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, o preço médio recebido em novembro decresceu bem mais discretamente em relação ao preço médio de outubro do que ocorreu de agosto para setembro e de setembro para outubro (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Preço médio ⁽¹⁾ aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,22	1,94	1,90	59,0	-2,1
Fevereiro	1,26	1,78	1,92	41,3	7,9
Março	1,29	1,71	2,02	32,6	18,1
Abril	1,28	1,76	2,26	37,5	28,4
Mai	1,19	1,84	2,45	54,6	33,2
Junho	1,31	1,99	2,57	51,9	29,1
Julho	1,50	2,15	3,04	43,3	41,4
Agosto	1,66	2,17	3,51	30,7	61,8
Setembro	1,87	2,17	2,95	16,0	35,9
Outubro	1,95	2,12	2,46	8,7	16,0
Novembro	1,92	1,95	2,35	1,6	20,5
Até novembro	1,50	1,96	2,49	31,2	27,1
Dezembro	1,97	1,84		-6,6	
Média	1,53	1,95		27,4	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

De qualquer maneira, ficam ainda mais reduzidas as margens de rentabilidade alcançadas por muitos produtores. Para parte deles, aliás, os preços recebidos em outubro e novembro já significam a possibilidade de rentabilidade negativa com a produção leiteira.¹⁰

Balança comercial

Em outubro, as importações brasileiras de lácteos (21,5 milhões de quilos) foram 16,2% menores que as de setembro (25,7 milhões de quilos). Ainda assim, considerando as atuais condições dos preços dos lácteos no mercado interno, foi uma quantidade relativamente elevada, o que reforça a perspectiva de reduções mais expressivas de ora em diante. Com o crescimento das importações a partir de julho, o saldo comercial de 2022 será mais negativo do que o de 2021, mas não tão negativo quanto o de 2020 (Tabela 4).

Tabela 4. Lácteos – Balança comercial brasileira

Mês	Milhão de quilos								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	6,9	1,8	1,8	4,4	-7,0	-13,4	-2,6
Março	9,4	14,4	8,0	2,5	2,8	2,5	-6,8	-11,6	-5,5
Abril	6,0	7,3	5,7	1,8	4,3	4,5	-4,2	-3,0	-1,2
Mai	7,5	8,3	8,4	2,3	3,3	3,2	-5,2	-5,0	-5,2
Junho	8,4	8,8	10,9	2,2	4,0	2,3	-6,3	-4,9	-8,6
Julho	12,6	9,6	13,2	2,7	3,5	2,8	-9,9	-6,1	-10,4
Agosto	18,0	10,0	22,6	2,7	3,0	2,2	-15,3	-7,0	-20,4
Setembro	22,8	10,6	25,7	2,4	2,5	2,5	-20,4	-8,1	-23,2
Outubro	22,1	12,1	21,5	2,7	2,1	2,3	-19,5	-10,0	-19,2
Até outubro	126,2	114,1	131,6	24,0	29,5	30,1	-102,3	-84,6	-101,5
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	171,6	136,5	-	29,0	35,1	-	-142,6	-101,4	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

¹⁰ Cálculos de custos de alguns sistemas hipotéticos de produção de leite em SC estão disponíveis em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/>